

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —



A visita do Presidente Craveiro Lopes

ELÍLIO DE VASCONCELOS.

Nos dias seguintes ao da chegada, o Presidente Craveiro Lopes não teve mais um instante de seu, pertenceu em todos os momentos aos outros, tantas e tantas homenagens lhe foram prestadas.

Recebido em toda a parte com ruidosa alegria, num inefável alvoroço, afecto e veneração, pôde-se afirmar que envolvido pela alma brasileira ele a soube entender, falar-lhe e penetrar em todos os seus recônditos palpantes e frescos de sinceridade.

Por toda a parte, por onde passou, a multidão anónima, a massa popular, comprimida-se para o aclamar com caloroso arroubo.

Sua Excelência, sorrindo com afável simplicidade, conquistou a profunda e imensa simpatia dos grandes e pequenos, ansiosos todos por lhe falar e cumprimentá-lo.

Do militar perfurado, aparentemente austero, compenetrado da disciplina rígida, que seria de esperar, surgiu o homem simples e acessível na sua suprema distinção, que distribuía sorrisos e cumprimentos, indiscriminadamente, a humildes e poderosos.

Com razão uma revista desta cidade afirmou:

«Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil e o General Craveiro Lopes descobriu o coração dos brasileiros».

Assim foi. De tal maneira que passou a ser glorioso descendente de portugueses, honroso ser lusófilo, numa reafirmação que vem do fundo dos séculos, de estima e sangue nunca desmentidos e sempre constantes.

Bemvindo, Presidente! Portugueses e Brasileiros são do teu povo!

Reforçaram-se os vínculos da família, fortaleceram-se os laços do coração, repetiram-se os protestos de uma afeição jamais sentida, com tanto ardor e vitalidade, entre dois países!

O encontro dos dois presidentes, por tão amigo e cordial, foi despidido, o mais possível, de formalidade. Tanto assim, que comentou jocosamente um jornalista português: «Se não houvesse protocolo, haveria entre eles pancadinhas afectuosas nas costas».

Em palestra amena com o sr. Comendador Albano de Sousa Guise, vimaranense ilustre, cidadão carioca honorário, agraciado recentemente pelo Governo Português com a Comenda da Ordem de Cristo, ele que já possuía a Comenda da Benemerência, justamente duas vezes comendador, ouviu exclamar com entusiasmo vibrante de português patriota e agradecido ao Brasil:

«Esperava que, pelos portugueses, os brasileiros fizessem muito para lhes demonstrarem a sua simpatia e recebessem bem o Presidente, mas não tanto assim; tanto, que redimiram e saldaram a sua

gratidão pelo que Portugal fez aos seus presidentes lá recebidos».

Na verdade, as palavras não bastam para descrever o que se passou no Brasil, de envolvente ternura pelo Presidente Craveiro Lopes.

A passagem do venerando Presidente da República Portuguesa por terras de Santa Cruz, deixou um rastro fulgurante de Amor e Beleza espiritual, entre as duas Nações, que há-de perdurar na lembrança como estera luminosa de uma estrela iluminando carinhosamente os caminhos da fraternidade luso-brasileira.

Rio de Janeiro. 19-6-57.

A Comemoração de S. Mamede

No dia 24 e na histórica Igreja de S. Miguel do Castelo, realizou-se, na forma dos demais anos e por iniciativa da Câmara Municipal, a comemoração do glorioso feito de S. Mamede, tendo assistido toda a Vereação e demais Autoridades Militares, Magistrados, representantes dos diferentes Organismos Culturais, Económicos, Corporativos, Religiosos e Beneficentes, muitas Senhoras, etc.

A Missa foi celebrada pelo rev. Arcipreste, P.º António de Araújo Costa.

Do evangelho subiu ao púlpito o rev. P.º Manuel Gonçalves Jorge, Professor do Seminário Conciliar, que proferiu uma brilhante alocução alusiva àquele facto histórico. Foi escutado com o mais vivo interesse pelo selecto auditório.

No final daquele serviço religioso, o sr. Presidente da Câmara recebeu os cumprimentos das diversas individualidades presentes.

NO «NOTÍCIAS»

De passagem por Guimarães esteve na nossa redacção, em visita de cumprimentos que nos apraz registar com muito reconhecimento, o ilustre jornalista Iolanda Rhodes Abrançalha, da «Gazeta de Notícias» e da Revista «Fou-Fou», do Rio de Janeiro, que também apresentou cumprimentos às Autoridades locais.

Muito nos penhorou a amabilidade da gentil e ilustre colega brasileira, na sua passagem por esta terra a que teceu os melhores elogios.

PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA

Já se encontra nesta cidade bastante mobiliário que se destina à decoração de alguns aposentos do grandioso Paço dos Duques de Bragança.

BENDITA SEJAS

Qual mãe que, desde o berço, embala a vida,
A' Pátria dos impérios tão distantes,
Sorrindo de entre os loiros verdejantes,
Mostras de glória a nobre fronte erguida!...

E, alegre, surges!... Firme, nessa lida
De olhar, em torno, os tráfeos constantes,
Tens ainda os braços que tinhas dantes
E a honra do trabalho à fama unida...

Lutas e glórias!... Quem as viu tão várias?
Lembro, encantado, as tradições lendárias
Que, mais que todas tu as tens a rodos...

Bendita, oh! Mater, com teu castro antigo!...
Rincão de heróis, num gesto nobre e amigo,
Tu deste a vida ao Portugal de todos!...

Porto — Junho — 1957.

DOMINGOS A. RAMOS.

Epistolário Sentimental

CARLOS CARNEIRO.

A FEIRA DAS PULGAS

Minha Amiga:

Em Clignancourt, num extremo de linha do Metro, existe um mercado que se chama pitorescamente, «Le Marché aux Pucés». Não sei qual a razão do seu nome, talvez porque no meio de tanta velharia as pulgas abundem... É uma espécie de Feira da Ladra, maior, muito maior e muito mais completa. Ali se encontra tudo, desde o móvel século qualquer coisa, às colheres de cozinha. É um mundo mais neste Mundo imenso e espantoso de Paris.

Num largo descampado ao lado do qual passam rápidos combóios, que vão não sei para onde, centenas de velhas tendas de madeira pintada exibem as mais inesperadas mercadorias, velhas e novas, e ali se encontra o que há por toda a parte e, sobretudo, o que não há em parte nenhuma. Motocicletas, algumas a desfazerem-se, uniformes, pintura, tapeçarias, tecidos, coisas de ferro, rádios e máquinas fotográficas, sapataria... vendem-se e decorações, desde a Cruz de Guerra até à Legião d'Honra, iguazinhas às que os Grandes da Academia de França ostentam no uniforme verde..., uniformes de general e aventais de cozinha; cães, gatos, pássaros, e escafandros de mergulhador... Três vezes por semana o mercado enche-se de gente que lá vai pelo pitoresco ou na ansia de encontrar aquilo que sonhou na véspera. Chamam-nos, agarram-nos pelo braço, dizem-nos que não existe melhor no mundo, e, no fim... levam-nos mais caro que em qualquer armazém dos Grandes Boulevards.

Esta manhã vi lá um velho carro

de cavalos de capota envelhecida, cheio de pó e de recordações. Tudo nos pode evocar uma vida, e aquele carro com um ar muito triste a um canto da Feira das Pulgas fez passar dentro de mim um Paris que conheci há muito, mais calmo do que este, num tempo já longínquo em que os homens eram melhores, a vida mais sossegada, as horas mais longas... Ouvi-se o trote calmo dos cavalos no asfalto das ruas e não o roncar de motores a gazolina, cocheiros sonolentos com as suas cartolas de oleado amarelo esperavam o turista para lhe mostrar a Torre Eiffel, o Trocadero e os Campos Elisios, e os homens usavam grandes bigodes que os envelheciam e faziam a delícia das mulheres... Eu, era menino, e recordo-me como se fora ontem; as coisas da infância ficam-nos gravadas para sempre, mais vivas que aquelas que vivemos outro dia... Começou nesse ano o meu deslumbramento por esta terra, foi o meu primeiro Amor...

Esta manhã aquele carro esquecido da Feira das Pulgas reviveu em mim esse tempo longínquo. Clignancourt ficou cheia de multidão de árabes e franceses da banlieue e de turistas. Armavam-se mais tendas, tiravam de enormes sacos nova mercadoria a expor aos olhos ávidos daquela gente, novas e incríveis coisas surgiam aos nossos olhos curiosos, e os gritos dos vendedores ouviu-se ainda ao afastar-me a caminho do Metro que me trouxe neste domingo calmo, provinciano como todos os domingos...

Paris, Junho de 1957.

Salvemos o nosso folclore!

Prof. J. Martins Lima.

O povo, na sua ingenuidade criadora, compõe verdadeiras obras primas de poesia. As trovas populares das esfolhadas, das ceifas, das vindimas, as cantigas de romaria, todo o vasto cancionero alusivo aos santos casamenteiros, nas noites de folgança do mês de Junho, o nosso riquíssimo e variado folclore atinge verdadeira expressão artística, emotividade e beleza.

Todo o pensamento, todo o estado emocional que se traduz em forma, pela palavra, no verso, no canto ou na plástica exprime arte. Quando o povo canta e baila, desdobra-se em arte pura e desinteressada, na linguagem literária, na expressão coreográfica, na variedade de movimentos e atitudes, no esquema rítmico, na melodia, na beleza musical, em suma.

Quer seja o vira ou a vareira minhota, as habas verdes mirandesas, chula duriense, o bailarico estremenho, o fandango ribatejano ou o corridinho algarvio há, nas nossas danças regionais, uma simplicidade rústica, profunda beleza rítmica, melódica, isenta, alheia de influências estranhas.

O etnógrafo, o folclorista e o musicógrafo recolhendo, agrupando, estudando o cancionero popular

contribuem para a perpetuidade de todo o nosso complexo étnico — a poesia, a opulência e o colorido do traje, a expressão musical.

Teófilo Braga, Cláudio Basto, Gonçalo Sampaio, F. Pires de Lima, Armando Leça... são autores de valiosas colectâneas do nosso cancionero popular e regional.

Continua na 2.ª página.

A Data Maior

DOMINGOS A. RAMOS.

Momento soleníssimo e o mais glorioso de todos, este em que sinto o coração segredar-me, numa dulcíssima harmonia de gratidão e amor, as estrofas sublimes duma epopeia de grandezas que nele tiveram o seu início. E vejo perpassar-me, pelos olhos do espírito em cenário remoto e sempre encantador, as figuras gigantes dum moço príncipe e seus cavaleiros, conduzindo as mesnadas heroicas, não em aventuras do amor por suas damas, nem por caminhos fora, em demanda das Terras Santas para a conquista do sepulcro de Cristo ou, como os da Távola Redonda do rei Artur à procura do Santo Graal, mas, guerreiros e sonhadores unidos numa só alma, esforçando-se e sacrificando-se para tornar livre o seu povo e a sua terra.

24 de Junho de 1128!... A data maior da nossa história, aquela em que devia soltar-se o grito da nossa independência e que fez de Guimarães a Mater Amada duma Pátria inteira. Honra e glória lhe sejam dadas, porque outra mais nobre não poderia haver!

E como eu gostaria de ver esta data, o dia 1 do nosso Portugal tão querido repetida, com júbilo, por todos os lábios e fortemente sentida, num meio das alegrias mais efusivas, pelo coração de todos os portugueses...

Creio que todos os que sentem o orgulho da sua raça e vibram de entusiasmo pelas grandezas que, a

partir desse dia, fizeram de nós um dos maiores povos do Universo, devam reunir-se todos em volta do seu castelo medievo e, ali entoarem um solene Te-Deum de acção de graças que mostrasse o nosso reconhecimento eterno ao Senhor de toda a glória. Como gostaria de ver, neste dia e sempre pelos anos fora, a mocidade ruidosa e nunca vencida, fazer numa representação dos principais centros do país, essa patriótica cor-

Continua na 2.ª página.

COCKTAIL

Por AURORA JARDIM

RESPOSTAS

Laurita — *Aqui tem o que desejas:*

Eu sou o Junho que não dou nada; mato a fome com a minha cevada.

Acho que está errada esta quadra popular.

Junho dá alegria... — que maior e mais luminosa oferta nos poderia dar?!

*

Landemim — *Leia:*

PASSION

Et si le souffle du éphyre M'enivre du parfum des fleurs, Dans ses plus suaves odeurs C'est ton souffle que je respire.

Lamartine.

CASTIGO

Numa cidade da Bélgica, ladrões levaram horas enchendo um caminhão com toneladas de ferros velhos. Mas puseram-no em movimento com tal pressa, que o caminhão saiu da estrada e foi ofundar no rio, que lhe corria ao lado.

JUNHO E OS TECIDOS

Frascos de Paris em embalagens várias: Caron, Stendhal, Coty, Guerlain...

É um lenço para a cabeça que vem mesmo a propósito: de Junho a Setembro, ela usa mais Água de Colónia do que nos outros meses todos juntos.

Um modelo de Dior... uma estola em vison do Canadá...

A seda é branca estampada de miosotes azuis — tão azuis como os olhos de Isabel, rainha de Inglaterra.

Fundo negro, relógios amarelos. Só faltam repositores para lembrar intervalo de cinema...

Bilhas de barro fresquinhos de água para sede estival... cravos encarnados a pedir bocas e versos... uma chave que abre portas invisíveis.

Tecido dedicado aos três Santos que tornam este mês um folgazão.

Uma quadra de Concurso:

Foi ao saltar a fogueira... Achei-te linda — e tão linda, que mesmo extinta a braseira na cinsa me aqueço ainda...

Como esta há outras. Porque não estampar numa seda muitas das formosas quadras que florescem em Junho?!



Um aspecto de Recital

Na agonia e morte do Burguês

Por EDUARDO D'ALMEIDA.

Depois da visita dos Mesários, ficara o nosso mercador, da burguesia mediana de há mais de cem, de há cem e ainda de pouco mais de cinquenta anos, sózinho no quarto particular do Hospital da Ordem Terceira, de que era irmão, uma cela dos frades do antigo convento, na paz da sua aposentadoria e voluntária renúncia, «forma lenta de suicídio» na frase balzaqueana. Talvez a recordar os longes da sua vida, apagados na bruma como o lilás cinza do céu ao escurecer daquela noite. A sua história, dizia eu, pode contar-se, e anda contada, por diversas formas. Contou-a a literatura romântica, contavam-na uns vizinhos dos outros vizinhos ou as notícias e anúncios das gazetas, contava-se nos Livros de notas do Tabelionato... A própria História (a de h maiúsculo) longamente a seguia de século a século e de nação a nação em muitas e muitas passagens dos acontecimentos memorados. De todas, que a todas resume ou explica, a mais importante. A súpula da evolução geral da burguesia, com suas marés crescentes e decrescentes, seus feitos e vicissitudes, grandezas e misérias. Mas, sem aquele brilho heróico ou a lancinância trágica das gloriosas refregas ou das amargas derrotas, era fria como as mortas letras de epitáfio sobre o coval em cemitério triste. Não, não me deixarei arrastar, neste demasiado prolixo disserto, por essa divagação, por muito curiosa, através os enredos e meandros da História. Indicá-la basta. Como o nosso *Eça de Queiroz* a caminho de Alexandria, ao vê-la outra, ruas de lojas comerciais entre ruínas, perguntava — «Onde estão os teus dez mil mercadores, e os doze mil judeus que pagavam tributo ao santo califa Omar?... oh cidade de Cleópatra, a mais linda das Lagides?...»; nós perguntaríamos à grande História, a maiúscula, que fez ela das dez mil histórias e das doze mil empresas dessa força poderosa sem a qual nada se podia manter?

Em estilo professoral dos compêndios didáticos anda a afirmativa que a muito antes da rude civilização castreja ascende o exercício do artesanato e do mercantilismo, indivíduos especializados em determinados trabalhos e emissários encarregados da troca de produtos. Mais tarde, ali os veríamos congregados na criação dos burgos, como a massa e o fermento do condense populacional, na base dos concelhos, ao cuidar-se da vida municipal. Concelhos e vida municipal que são o esteio seguro e forte em que se apoiam os nossos reis afonsinos na formação da unidade portuguesa e defesa da independência nacional. Veríamos como foi na burguesia, nas classes médias e na arraia miúda do povo, que esses monarcas encontraram «um seguro instrumento de governo» e a «barreira mais forte» tanto para repelir as ameaças dos inimigos de fora como para obstar às prepotentes exigências e desmedidas ambições dos nobres e do alto clero. E se assim é, e passo a passo com mais intensidade, ao longo de todo o primeiro período da nossa história, bem conhecido de todos, e apreensível ao mais leigo, é quanto a acção da burguesia se expandiu com os descobrimentos, depois da militar, a parte mais importante da ocupação e do aproveitamento. Há mesmo quem reduza a nossa epopeia marítima ao factor económico, como se fora exíguo o espaço continental, pequeno mas em parte ainda inculto, e precárias as condições de vida, parcas mas mais garantidas que as incertas e precárias. Mas não. Essa verdadeira grande aventura era um velho, muito velho sonho da nossa alma, estava-nos no sangue, era um pendão étnico. Ai! quantas histórias, desde a maravilhosa à mais reles, nesses longos, demorados, volumosos capítulos... E depois a ocupação filipina, anos de miséria e fome, anos de peste, e logo a dura guerra com Castela, com o tesouro exausto e os músculos desvigorizados nos corpos magros e secos.

(Continua.)

Salvemos o nosso Folclore!

Continuação da 1.ª página

O Pároco, o Professor, o Regente das nossas bandas musicais podem dar valioso contributo na perpetuidade do nosso vasto património artístico-popular.

Apesar da acção relevante dos ranchos populares, das festas, de alguns grupos corais que incluem, na sua programação, canções do nosso folclore, o certo é que tende a perder-se, subvertido pelo turbilhão da música moderna, o gosto pelas velhas e tão doces canções de embalar, pelas canções da sacha e das esfolhadas. As estações de radiodifusão devem lançar para o espaço mais música popular, mas da verdadeira e genuína, sem arranjos ou estilizações inautênticas, mas a voz inconfundível do Povo na sua gíria e com todos os seus requebros dialectais!

A infiltração desenfreada, abusiva dos altifalantes — por tudo e por nada — tem prejudicado seriamente e nosso folclore.

Chamam também ao fado a *canção nacional*. Ele é sentimental, mórbido, por vezes mesmo doentio, sensual, tresandando a saias... E às vezes é até inconveniente. Alguns fados de Lisboa são autênticas enormidades, com letra de alcova e de prostíbulo.

Sem cairmos no excesso de o considerarmos gangrena do nosso folclore, jamais o legitimamos como canção nacional. Quando muito, é canção representativa de um bairro típico.

Compete às estações radiofónicas **seleccionar** a nossa música gravada de sabor popular, pugnando pela conservação, em toda a sua própria originalidade e beleza, das nossas canções puras e sãs — a bem do folclore lusitano!

Vida Rotária

Realizou-se na 4.ª-feira a reunião habitual de Rotary Clube de Guimarães, a que presidiu o sr. Antonino Dias de Castro, secretário pelo sr. eng. Helder Rocha, tendo assistido à mesma alguns convidados.

O presidente referiu-se ao regresso à Capital do Império de S. Ex.ª o Senhor Presidente da República, salientando o facto de alguns clubes brasileiros terem enviado mensagens, as quais foram depois lidas pelo Secretário, que são o reflexo do entusiasmo com que nas Terras amigas do Brasil foi acolhido, tão fidalgamente, o primeiro Magistrado da Nação Portuguesa. Todos os presentes se congratularam com o facto, tendo sido resolvido saudar, por intermédio do sr. Presidente da Câmara Municipal, o prestigioso Chefe de Estado.

O presidente deu conta, ainda, da reunião realizada em Braga de homenagem ao companheiro Dr. Rocha Peixoto, que merecidamente foi premiado pela sua muita dedicação ao movimento rotário.

Depois de ser dada conta do expediente, usaram da palavra sobre outros assuntos alguns dos presentes.

Tratando-se da última reunião da gerência de 1956-57, o presidente sentiu que não estivesse presente o companheiro Albano Coelho de Lima, que presidiu durante o ano aos destinos do Clube, para poder salientar os prestimosos serviços que prestou a Rotary.

Ficou assente que a reunião festiva para a transmissão de poderes à nova direcção se efectue no dia 10 de Julho próximo, às 20 horas.

Procedeu-se à habitual quete para o fundo Paul Harris, após o que o presidente, agradecendo aos convidados o prazer que haviam

GAZETILHA

Alegrias e tristezas... lá do alto

Não é do Alto, lá de cima, que de Fé nos cobre, e anima, mas falo da cidade alta: pois muitas prendas lhe deram, e reformas lhe trouxeram, mas... certa coisa lhe falta...

Gozou o seu milenário, mas bifou-se o fontenário, amigo dos caminheiros; que, trespassados de mágoa, têm de ir mendigar a água na quitanda dos vendeiros...

A praga do garotito lança grave desafio ao seu Castelo moreno: e não temos a delícia de ver surgir um polícia, por o «Quadro» ser pequeno...

Lá no alto da Colina falta a «casa pequenina», a «cazinha» popular: forçando os visitantes, em circunstâncias instantes, de ao vizinho importunar...

Tinha um friso de erva mansa, num sorriso de esperança, e onde bois nunca pastaram: fazia asco, a pobrezinha, a quem febre dela tinha, e de sachola a raparam...

Bem mais feliz é o reideiro da erva do parque fronteiro, em seu zelo economista: com pensamento no gado, não quer o «lanche» estragado por os passos do turista...

Os serões de Gil Vicente regalarão muita gente, também o meu coração! — E foi com grande alegria que ouvi a «Polyphonia», sentado... no rés-do-chão...

Ortígio.

Festival de Gil Vicente

Continuação da 1.ª página

te da 1.ª parte *Duas «chansonetas» da Festa do Natal* de D. Pedro de Cristo: *Ay, mi Dios e Pastorcio*, por que *no vienes?*, esta a 6.ª vez, do final do século XVI, seguidas, extra-programa, de uma composição do mesmo Autor, a 4.ª vez, consagrada à Festa do Corpo de Deus.

A 2.ª parte destinava-se, especialmente, a ser cantada ao ar livre. Mas o tempo não o permitiu e teve de ser cantada, como as demais, num dos vastos e excelentes salões dos Paços Ducais. As composições criaram, assim, maior volume, que em nada as prejudicou, antes fez salientar a sua medonha grandeza e graciosa beleza: *Adeste Fideles*, de autor anónimo do século XVIII, em arranjo de Mário de Sampaio Ribeiro; *Adjuva nos Deus*, atribuída ao Rei Restaurador; *Sanctus*, de Filipe de Magalhães; *Domine, Jesu Christe*, ao geito das antífonas, do *Auto da Alma*, de Gil Vicente e o *Exultemus et Laetemur*, de D. Francisco de Santa Maria, certamente do ano de 1597.

A 3.ª parte, a que Mário de Sampaio Ribeiro chamou, apropriadamente, a *sobremesa*, foi constituída por 8 cantares do povo português, cheias de pitoresco ingénio tanto do agrado da nossa gente. *Descante e roda*, que deve ter nascido por volta de 1860/1875, parece ser originário do Porto ou do norte. Nunca o ouvimos entre nós nem chegou sequer à nossa meninice, pelo que ficamos em dúvida quanto à sua origem. O *Malhão* faz parte das danças do século XVII e ainda hoje se canta nesta região, assim como o *Vira*, do arranjo de Gonçalo Sampaio. Extra-programa, fomos brindados, também, com o *Bailinho das Camacheiras*, oriundo da Madeira, mas já com reflexos entre nós.

O conjunto de vozes é primoroso. Vê-se bem que anda ali o dedo mágico do Artista consagrado e benemérito que deu à «Polyphonia» um lugar de destaque, que muito nos honra.

Harmonia e segurança que voltou a deixar-nos as mais gratas impressões a confirmar aquelas que, anos atrás, já havíamos colhido com grande satisfação e prazer espiritual. Preciosa *chave de ouro* a encerrar o ciclo deste ano do «Festival de Gil Vicente» que deverá manter-se nos anos futuros, para prestígio cultural da terra berço da Pátria e do Grande Mestre Gil.

V. F.

Conforme noticiamos já vão realizar-se dentro de breves dias nesta cidade e no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, por louvável iniciativa da Câmara Municipal, duas conferências, sendo oradores, no dia 3, o ilustre Prof. Dr. Luis de Pina, que versará o

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Embora sem boa disposição para manejar a caneta, resolvi-me a escrever esta carta em virtude da curiosidade que me despertou uma série de considerações feitas na secção «Posta Restante» do «Journal de Notícias», do passado dia 26. Porque o seu signatário se diz Vimaranesense, suponho, confiado na minha boa-fé, que o mesmo não tivesse procedido com a intenção de amesquinhar o nome de Guimarães, tanto mais que lhe chama a sua querida terra, mas, por outro lado, entendo que os seus desabafos se tornariam mais interessantes e a sua atitude mais elegante se tivesse usado de outro processo para levar junto de quem de direito os pormenores apontados na carta que dirigiu ao Senhor Director do referido Diário Portuense.

Além disso, existem três semanários locais, onde, por vezes, têm sido focados assuntos que constituem certos reparos e para os quais têm sido pedidas as devidas providências, que, no geral, não têm deixado de ser tomadas.

No caso presente, assim deveria ter sucedido, porque, se assim fosse, melhor cairia no seio d'opinião pública a atitude do referido Vimaranesense, que, exactamente por essa circunstância de ser filho de Guimarães, maior se torna a sua responsabilidade perante a forma como a ela se referir.

Existem, evidentemente, coisas que não estão certas, mas daí a deixar-se a impressão de que a nobre, a vetusta, a gloriosa cidade de Guimarães se apresenta transformada numa simples aldeia de *Paço Pires* vai uma distância tão grande que só por meio do infinito se poderá calcular. Esta é a opinião de uma pessoa que apenas se considera Vimaranesense pelo coração, mas que, apesar disso, se tem sacrificado mais por esta terra do que alguns dos que são Vimaranesenses pela certidão do nascimento, com o que se julgam no direito de chamar *estrangeiros* aos que, mais do que eles, procuram prestigiá-la e engrandecê-la. Porém, acima de tudo, vive a satisfação do dever cumprido.

E aqui tem, minha Senhora, como sem boa disposição se consegue escrever uma carta, não inspirada pelos populares festejos do S. João e do S. Pedro, mas apenas pela leitura do que escreveu o signatário da carta que provocou esta.

Enfim, seja tudo para desconto dos nossos pecados e para alívio das dores de cabeça de quem tiver de suportar *as mil e uma* dificuldades da vida, assim como a falta de *travão* no que diz respeito à impertinência dos regatões e das regateiras na Praça do Mercado, onde se faz sentir a repressão da fiscalização.

E mais nada, minha Senhora.
Junho de 1957. De V. Ex.ª
cd.º ven.º e obg.º
X.

tema — *Pecado, Culpa e Angústia na Cena Gil Vicentina*, e no dia 10 o sr. Eng.º Rebelo Bonito, talentoso musicólogo, do Porto, que subordina o seu trabalho ao tema — *A Música nos Autos de Gil Vicente*. O sr. Eng.º Rebelo Bonito terá a colaboração de dois consagrados artistas, o barítono Alcino Soares e o concertista de guitarra clássica Fernando Lancart.

Nota-se justificado interesse por estas duas conferências.

O NOSSO APELO

em favor do estudante pobre e doente

Continuam a registar-se na nossa redacção donativos para o pobre estudante da nossa Escola Técnica que, por sofrer de uma doença grave, terá de ser internado em Lisboa, para ali ser submetido a várias intervenções cirúrgicas.

Verifica-se que não é em vão que dirigimos o nosso apelo a todos aqueles que nos lêem.

Já bastantes pessoas nos vieram trazer o seu auxílio e outras virão, disso estamos certos, procurando assim colaborar connosco nesta missão. A todos estamos muito agradecidos.

Hoje registamos os donativos da Fábrica da Rachã, L.ª, de Vizela, de 120\$00, e do sr. Manuel Duarte Monteiro, do Porto, de 150\$00. Ficam em nosso poder Esc. 1.280\$00.

PROMOÇÃO

O sr. Emilio de Oliveira Carviçais, distinto funcionário dos C.T.T. desta cidade, acaba de ser promovido à categoria imediata, após ter obtido uma excelente classificação nas provas do concurso que, para o efeito, se realizou na cidade de Lisboa.

As nossas melhores felicitações.

A púrpura e a estamenha

Quando, no passado dia treze, me foi dado o prazer de ouvir o sermão de Santo António, pregado por S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Francisco Maria da Silva, Bispo Auxiliar de Braga, eu senti mais que nunca o desejo de voltar a ler o que o «Ano Cristão» de Croiset refere sobre o grande Taumaturgo Português.

E da leitura atenta e devota resultou em mim uma ainda mais profunda veneração pela estamenha que o nosso querido Santo tornou tão rutilante.

Fixando os olhos no púlpito e ouvindo o delicioso sermão, saltou ao meu espírito — perdoem — o contraste que me oferece o rutilar da púrpura — toda ela a falar-me aos sentidos — perante o «fosco» do burel, envergado por Santo António, ele todo a falar-me à alma.

E à medida que o sermão ia decorrendo, variado e expressivo nas imagens, todo ele escutado com viva e impressionante atenção pelo numeroso e selecto auditório, talvez menos que eu a reflectir sobre a púrpura envergada pelo distinto pregador, radicou-se em mim a ideia de que, na verdade, só a santidade podia fazer rutilar o burel franciscano envergado pelo Santo de Pádua, não carecendo, assim, de transformar-se milagrosamente em púrpura reluzente para mostrar o Santo que encobria.

Deixando-me arrastar um pouco pela divagação, pretendi devassar o segredo do uso da estamenha pela Ordem Franciscana.

E senti-me tentado a ver no vestir grosseiro do Poverello de Assis, e de seus irmãos, uma espécie de reacção «Cristã» contra o luxo para o qual os altos dignitários da Igreja na recuada alta idade-Média parece terem-se deixado arrastar.

Eu não sei em que século principiaram estes a vestir-se de sedas refulgentes — mas quero convencer-me de que deve ter sido a partir do momento em que os Imperadores convertidos deram a paz à Igreja, cobrindo-os, então, de regalias, honras e privilégios, vestindo-os da riqueza paga.

Parece lógico, na verdade, que feita a Paz com o Império, não fosse junto da púrpura real sentar-se a estamenha, símbolo da pobreza cristã.

A Riqueza estendia, então, as

mãos beneficentes à Fé e sentiu-se honrada em vestir de sedas os derubadores do trono dos Césares.

Eu tenho — e tenho de ter mesmo — um profundo respeito à púrpura.

Ela encarna o poder e a dignidade.

Mas confesso sentir uma veneração pela estamenha...

Fala-me mais de Cristo... converte... espiritualiza...

Aquela legisla... soberana.

No burel vejo mais renúncia, mais desprendimento... mais «Cristo».

Quando ouço Santo António investir contra Ezelino e arrancar dele promessas de emenda da sua vida escandalosa, estremeço perante a audácia, mas compreendo-a.

Perante a púrpura Ezelino sentia-se um igual.

Não assim em face da estamenha.

Esta dispõe duma voz mais penetrante, que fere pela verdade e pela sinceridade e não pelo convencionalismo.

A sua voz vem de cima para baixo... da Cruz para o rochedo do Calvário... de Deus para o pecador... do amor divino para o revoltar das paixões...

Por isso venero a estamenha.

Mas não deixo de reconhecer os méritos dos purpurados e por isso respeito a púrpura com que os homens distinguem os mais categorizados representantes de Cristo.

De púrpura se vestiu D. Frei Bartolomeu dos Mártires e sob ela que coraçãõ tão cheio de caridade se encobria...

Não é o hábito que faz o monge... como não é a estamenha que faz a santidade, nem a púrpura a repele.

Porém, creio ainda se não ter pagado o título de «Cristo da Idade-Média» dado pela História ao Poverello de Assis... e sei que era a estamenha que encobria as chagas impressas no corpo do Santo pelo próprio Cristo, no Monte Alverne.

O que importa é que a roupagem agasalhe Cristo no coração.

Quando assim for, então todos envolveremos no mesmo beijo de devoção a estamenha e a púrpura feitas túnicas de Cristo.

P.º MANUEL MATOS.

A Data Maior

Continuação da 1.ª página

rida, de chama acesa na mão e deixá-la perenemente acesa no alto da sua torre de menagem, a patentear o seu amor ardente e a sua Fé impercível à terra que a fizera livre e senhora dos seus destinos. Belo seria ainda que, em reuniões culturais, nos liceus, universidades e escolas, por meio da imprensa ou em conferências de carácter popular, se fizesse compreender a todos o alto significado desta data e se rendesse à mui nobre e leal cidade de Guimarães o sincero preito de homenagem a que tem direito.

24 de Junho de 1128!... Dia luminoso e quente de S. João... Quem haveria de dizer que as fogueiras crepitantes e os arruadosos festivais da véspera, em honra do santo precursor, viriam a ser precursoras duma data mais festiva ainda, que traria a independência e a glória à Pátria Portuguesa.

Luminoso, mais do que pela luz dum sol radiante, pela ideia fixa que os impelia, e quente, mais do que pela tepidez desse dia de verão pelo ardor do sangue que lhes referia nos corações. Esse dia cobrir-lhes-ia a frente de loiros e mostrar-lhes-ia os júbilos nunca ultrapassados que a vitória prodigamente ofereceu aos seus heróis.

Um berço, a Pátria e uma história, as dádivas superiores que Guimarães, mais do que nenhuma outra, soube conquistar para si e sua eterna glória, e para todos os que sentem a honra de ser portugueses.

Foi ali «in campo S. Mametis, quod est prope castelum de Vimaranes» que a luta entre os sediciosos imoderados e patrióticos sonhadores, se travou, na mais renhida peleja. Em cenário aberto mordido pelo sol abrasador de verão, entre os relinchos dos cavalos e as maldições da soldadesca que bramava, as partes contendoras, num desejo infrene de vencer, entrechocavam-se, batiam-se, cruzavam-se os montantes, irriçavam-se as lanças, rompiam-se os arnezes, caíam no solo os escudos dos moribundos, e gritava-se e tudo ululava, e as pragas rouquejavam na fúria dos ódios e das raivas insatisfeitas, confundidos todos naquele redemoinho de morte ou de glória, um turbilhão de poeira e sangue, à espera de que um só homem ficasse, para soltar o grito derradeiro da vitória.

E a vitória soou, e a frente do moço Afonso Henriques para sempre ficou a cingir os loiros do triunfo.

24 de Junho de 1128 e 24 de Junho de 1957!... 829 anos de con-

quistas, de descobrimentos, de prodígios e triunfos sem par que tu, oh! minha mui nobre e mui leal cidade de Guimarães, deste ao teu mui nobre e sempre invicto Portugal.

Unde estará quem possa desconhecê-lo? Onde está quem pretenda negá-lo? E terão provado o seu reconhecimento, pagando-te com amor e solicitude o muito e o tudo que te devem? Não terás ficado mal recompensado e posta em plano inferior, em relação a tantas outras? Além do teu passado épico, cheia das glórias que nenhuma outra pode apresentar, não tens hoje ainda, a força da tua indústria, a nobreza do teu povo, um dos mais elevados contributos que entregas ao estado, para que possas ser esquecida?

Não deverias ser tu, depois de Lisboa e Porto, conforme a opinião de gente sensata e de consciência justa, aquela que mais devia merecer o mais alto apoio em relação ao seu progresso?

Oh! minha Guimarães sempre amada! Do esquecimento a que te votaram no passado, esquece-o e perdoa-o. Sobre o futuro, bom será que a paciência te conduza a esperar na certeza de que esse gigante português que Deus nos confiou e a quem Deus confiou os destinos desta Pátria, se lembre de ti, e venha a realizar em ti as promessas que tu lhe mereceste e serão cumpridas. E a mim, humilde filho teu, que só por ti se orgulha, permite que em espírito, eu pegue no meu escudo e no meu montante, a cavalo ou a pé, ao lado desse moço Infante e de seus egrégios companheiros, lute e cresça, e tenha a força hercúlea dum titã, para com o meu sangue, as forças do meu coração e a própria vida mereça o carinho que dispensas a todos os teus filhos e, ainda em espírito, percorrendo esses 829 anos, eu possa ressurgir neste dia, para, numa presença real, dizer-te com todo o entusiasmo e toda a sinceridade de vimaranesense humilde:

— Bem hajas e bendita sejas, oh! minha terra amada.

Porto, Junho de 1957.

BENEFICÊNCIA DO «NOTÍCIAS»

Transporte . . . 2 820\$00

Para o estudante pobre para quem apelamos, recebemos mais os seguintes donativos:

Fábrica da Rachã, L.ª — Vizela 120\$00

Manuel Duarte Monteiro, do Porto. 150\$00

A transportar . . . 3.080\$00

E C O S

O novo edifício da Escola Técnica, vai a caminho do rápido fim. Obra grandiosa que em poucos meses se ergueu, livre daquela morosidade e vagareza a que a rotina nos habituou, ao presenciar a lentidão das obras públicas e particulares.

Novos métodos de trabalho, organização mais perfeita e o emprego inicial de numerosa mão de obra, deram a esta construção um ritmo certo e um desenvolvimento constante.

Mas tem um senão, este imponente edifício, — a vizinhança pobre e inestética que ladeia a sua frente.

Se aquela casa térrea, situada à sua direita, desaparecesse, e, em seu lugar, um edifício de boa apresentação e rendimento a substituisse, a uniformizar todo o conjunto, era um melhoramento que beneficiaria a cidade, e uma feliz iniciativa de rendável compensação.

Num futuro próximo, o Quartel dos Bombeiros será mudado para outro local e na praça que então se formará, só bons prédios ali podem existir e não outras casas de fraca aparência, que concorram para desfigurar a perspectiva desse lugar, central e movimentado.

Que cada qual comparti-lhe com a sua parcela de esforço e boa-vontade, para que o engrandecimento cidadão seja o produto de todos, empenhados no seu progresso e desenvolvimento.

Não tem sido em vão, o apelo que fizemos sobre a necessidade em construir, nos quintalórios à margem das ruas, casas para habitação. Embora limitadíssimo número de proprietários compreendesse essa urgente necessidade, é para esse reduzido número que endereçamos o nosso reconhecimento e louvamos a decisão de assim contribuírem para atenuar a crise de habitações de que o meio tanto sofre, agravada pela oposição de uns em ceder terrenos àqueles que desejam construir.

Situação anómala, que exige medidas severas para ser remediada sem demora, em razão do seu constante agravamento.

A cidade e a sua população não pode depender, neste caso singularmente difícil, da indiferença e da interpretação rígida dum direito soberano de propriedade, desde há muito ultrapassado pelas necessidades sociais que dia a dia mais se avantejam e se impõem.

Não julgar assim, é o mesmo que, por imprudência, atizar o fogo que vive amodorrado entre cinzas...

A cidade é de cada vez mais visitada por turistas estrangeiros e nacionais.

Dias há, em que o movimento é grande de visitantes aos museus, templos e Colina Sagrada.

A Penha, com a sua beleza e encantos originais, a Citânia e Sabroso com a sua pré-história e os mistérios da existência de povos primitivos, a paisagem que assombra pela cor e por a luz, tudo valoriza este centro, extraordinariamente dotado para uma etapa de incalculável atracção turística.

Não são os vimeanenses que o dizem, são os visitantes que o afirmam constantemente.

Mas muito falta para que estas atracções sem par tenham o ambiente próprio que as exigências do turismo requerem.

Na Penha, não há um serviço de hospedagem que reúna as condições desejadas. Esta falta essencial, não quer dizer a existência dum *pálace* ou coisa similar, mas uma pousada ampla, atraente e acolhedora, em que o conforto e a comodidade substituíssem vantajosamente o riquíssimo balofo, que não ilude o entendimento arguto do turista conhecedor, e em que o bom gosto, o regionalismo e a hospitalidade, fizessem causa comum e principal motivo de convite.

Na cidade, também, não existe um hotel que possa atrair o desejo de passar uns dias, a quem nos visita com intenção de apreciar devidamente o muito que tem de ver.

Nestas circunstâncias, a cidade precisa também de concorrer para que as melhores impressões sejam

colhidas pelos visitantes, em relação ao seu aseo, limpeza e irrepreensível bem receber.

Descurar este importantíssimo assunto, é perder os benefícios em que o turismo é pródigo, quando encontra lugares que o satisfaçam e lhe sejam propícios a passar uns dias reconfortáveis e aprazíveis.

Guimarães pode ser um desses lugares privilegiados, se os vimeanenses quiserem.

Trabalhar para que esta cidade seja uma das metas mais apreciadas no turismo nacional, é um dever a que ninguém pode fugir ou negar o seu esforço.

É necessário, para isso, trabalhar com vontade e evitar ao mínimo a morosidade das soluções que possam impedir o rápido andamento do que é preciso fazer.

Procurar evitar que, o que mal impressiona não persista, pois que a melhor propaganda do que possuímos são os próprios visitantes que a fazem, com a melhor e mais lata proficiência.

O cuidado na limpeza e no aseo, o desaparecimento de odores repugnantes em algumas ruas, o aspecto miserando de certos prédios, a pedinheira e a teimosia do pé descalço, a irreverência dum garotio maltrapilho, etc., são coisas que a vista atenta do turista fixa com particular interesse e julga com severidade.

Todavia, nunca devemos olvidar de que o turismo é uma das maiores fontes de receita de muitos países.

As despesas que possam custar a repressão e desaparecimento dessas deficiências e desleixos, são capitais que se empregam, compensados no futuro, com rendimentos de vulto.

Somos pobres demais, para desperdiçar a riqueza que nos pode vir pelo turismo...

A.

Guimarães em boa formação estética

Ouve-se dizer que, lá fora, nos centros de maior cultura, se promovem Festivais públicos, de larga projecção, exaltando a obra dos mais notáveis vultos da Ciência, Artes e Letras.

Também nós, neste recanto da provincia, seguindo o exemplo desses centros onde o escol intelectual é destacante, não deixamos de praticar coisa semelhante em prol da superior cultura do Espírito.

Os Festivais Vicentinos realizados no Paço dos Duques de Bragança e Guimarães à glória de Gil Vicente, marcaram pela sua beleza um ciclo destacante nos domínios das manifestações culturais do País, a ponto de o facto ter sido assinalado na grande imprensa, com justificado louvor.

Depois dos triunfos colhidos em três representações, nas quais se puseram em evidência o fundo lastro dramático e lírico do Teatro vicentino; depois de se patentearem os recursos cénicos dos componentes do Teatro Académico de Coimbra e do Teatro Universitário do Porto; depois de se haver reconhecido como é possível, entre nós, seleccionarem-se elementos para a composição de um grupo popular à altura de interpretar o teatro antigo; depois de haverem experimentado sensações da mais requintada arte no canto coral, como foram as actuações dos Monges de Singeverga, Orfeão Aleluia, de Aveiro, e Escola Cantorum, de Lisboa, podemos afoitamente proclamar — que Guimarães também sabe cultivar, com emotivo interesse, a vida superior do Espírito. Exuberantemente o comprova o ciclo dos Festivais Vicentinos que se vêm realizando.

Destas admiráveis manifestações, impregnadas de gosto estético e de civismo, não foi excluído o povo, ao qual foi dado o melhor ensejo de ver o que valem os recursos estríctos, a veia satírica, o lirismo prático de Gil Vicente — esse filho dilecto da cepa popular, que tão alto subindo pelo seu génio criador, alcançou lugar vultoso no Calendário dos Imortais, dele se podendo dizer — «não foi inteiro à sepultura, pois na memória dos homens vive e dura».

Crónicas para maiores de 50 anos

XXXV

Aos domingos, e naqueles dias quentes de Verão que parece terem passado com os pitorescos costumes antigos, atravessava a cidade uma festada a caminho desses retiros dos arredores, da Pisca, Cruz d'Argola, Fonte Santa, Caneiros e Creixomil, onde se ia dar um passeio e petiscar o belo cabrito assado, as iscas de bacalhau e outras especialidades que já nem nos restaurantes, que enfaticamente se denominam de típicos e regionais, se atrevem a pôr na mesa.

O certo é que nenhum desses restaurantes de agora, com todas as louças de Barcelos e das Caldas, os criados mascarados de, como dizem, «foldlore» se parece de lonje com um daqueles tasquinhos esfumaçados, com o velho alpendre para os garranos de passo travado, ao lado a bigorna do ferrador, na parede as argolas de prender os machos e o ramo de loureiro a anunciar que ali havia do «bô», servido em canecas de «meia», ou infusas de barro vidrado.

Tudo anda agora estilizado, folclorizado e presumido numa macacada a pretender restaurar o que era a manifestação natural, artística e social daquela gente de outrora.

Os acespites e aperitivos resumiam-se numa grande malga de azeitonas, uma racha de bacalhau da peça, como puxavante, ou os pimentos de conserva em vinagre tinto, recolhidos em talhas de barro vidrado, ou os tremoços que as mulheres vendiam num algaruir e medidos por uma canequinha de barro, com meia dúzia de azeitonas, para lhes destacar a cor.

O que havia no tasquinho não constava de relação, a que pretensiosamente chamam ementa, e era exposto de viva voz — a lista, ou, melhor, a *lista* — que o criado em mangas de camisa, e geralmente pançudo, desfiava: — há carne p'ra

bifes, bacalhau demolhado, salpicão para uma fritada de ovos (antes de se importar essa coisa das *omelettes*) e pode-se preparar um arrozinho de frango, que ainda demora.

Lá por essas terras de Lisboa, onde só se iria uma vez na vida, o galego é que dizia a *lista* de cor, nos restaurantes: — tem o senhor cabeça de porco, chispe do dito, língua do mesmo...

— Terá você, interrompia o freguês.

E encomendada a petisqueira ouvia-se «cantar» para o cozinheiro: — Salta meio bife (nunca percebi porque os bifes eram meios bifes) na grelha, ovos estrelados e caldo verde, carrega no entulho que é para um freguês, e outras maravilhas culinárias que, ou já não existem, ou vão rareando, bem como a tabuleta de «Vinhos e Petiscos, Tabacos Habilitado e Hoje á Tripas».

Acabaram os «Rethiros Admiráveis», de que fala Camilo, para darem lugar às Esplanadas, *Boites* e *Bars*.

Aos domingos havia verdadeiras romarias para os tasquinhos das redondezas, debaixo das ramadas, nas mesas de tábuas aplainadas, e onde se merendava em mangas de camisa como agora se pratica nas melhores salas de hotéis e restaurantes, verdade seja que a maior parte da assistência já nem casaco usa, no Verão.

Um dos locais que teve voga durante certa temporada foi Creixomil quando se lá ia ceiar para ouvir a «cabra», a cabra de Creixomil, que andava a berrar lá por cima das árvores e constituía uma distracção durante uma época de Verão, como se devem recordar os meus contemporâneos, e foi a esportividade dos tasqueiros do local, não sei com que artificio.

Para esse e outros iam ranchadas de gente que agora, havendo ou não a bola, não pode sair do âmbito do Tournal, arrastando-se naquele estilo actual, principalmente seguido pelos rapazes, decadente, doentio, fatalista, afadistado, mole, anti-desportivo e abandonado de trazer as mãos nos bolsos das calças, os ombros encolhidos, o passo desleixado e fúnebre de quem não tem nada que lhe ocupe o espírito e ainda por cima com o jeito de repuxar as calças e meter as abas do casaco para a frente, de tal modo desagracioso e desleigante que, além de causar dó pelo aspecto amalandrado dessa rapaziada, enoja pelo conjunto falto de energia e correcção de maneiras.

Bom, isso é a cópia de certos modelos que por aí se vêem e se dizem mentores do desporto.

(Continua na 6.ª página)

FESTAS

GUALTERIANAS

Reuniu na passada terça-feira, dia 25, pela primeira vez, com a Comissão das Festas Gualterianas, o seu presidente Sr. Dr. Jorge da Costa Antunes, reunião na qual foram tomadas deliberações de grande interesse para o êxito das nossas Festas.

No capítulo de ornamentações foi decidido que fossem convenientemente ornamentadas este ano e em homenagem ao Regimento de Cavalalaria 6, pertença desta cidade, as Ruas de Sauto António e de Eng. Duarte Pacheco, facto que causou o maior júbilo entre os vimeanenses.

Como haverá um Concurso Hípico Oficial no Campo de S. Mamede, deliberou também a Comissão ornamentar as Ruas que lhe dão acesso, que são as do Dr. Joaquim de Meira e a do Cano.

Este ano, como a Marcha Gualteriana sairá do Palacete do Visconde de Vila-Flor, propriedade da Firma Jordão, deliberou a Comissão das Festas ornamentar a Avenida de D. Afonso Henriques e Largo Moreira de Sá.

Destas deliberações pode-se concluir que o âmbito de ornamentação e engalanamento da cidade passa a ter uma área muito mais vasta, possibilitando assim um descongestionamento do público e do trânsito.

Assentou a Comissão das Festas que este ano se faça a inauguração oficial solenemente, com um acto de grande relevo assinalado pela presença do Sr. Presidente da Câmara de Guimarães que se inaugurará como o primeiro magistrado administrativo do concelho.

Participarão das festas várias Bandas de música e alguns ranchos folclóricos, motivos sempre de grande atracção para os forasteiros.

A partir deste momento vai intensificar-se a propaganda das nossas Festas junto da Imprensa e da Rádio, bem como por prospectos a distribuir pelo País.

Projecta-se para o Grémio do Comércio uma grande Exposição de artistas vimeanenses durante os dias das Festas, de pintura, escultura e trabalhos variados dos vários artistas de Guimarães. A esta reunião esteve presente o ornamentista Sr. Lira, que já apresentou algumas maquetas dos seus planos para as ornamentações das ruas.

A próxima reunião assistirá o ornamentista Sr. Barreira que também foi convidado a apresentar os seus esboços de ornamentação. Assim tudo se conjuga para que as nossas Festas este ano mais uma vez honrem Guimarães.

NOTÍCIAS DO BRASIL

O poeta Tiago de Melo em alto cargo

O ensaísta e poeta Tiago de Melo, grande amigo de Portugal, que estava prestando serviço no Gabinete do ilustre Ministro do Trabalho, Dr. Parsifal Barroso que no ano passado esteve em Lisboa, onde tantas simpatias disfrutou, acaba de ser nomeado para director do Departamento de História e documentação de Prefeitura do Rio de Janeiro.

A nomeação se é motivo de júbilo para todos os brasileiros, pelos méritos do nomeado, não o é menos para inúmeros portugueses seus admiradores e amigos.

Uma quadra de Manuel Bandeira

Manuel Bandeira terminou uma das suas brilhantes crónicas no *Jornal do Brasil*, em que se refere à visita do Presidente da República Portuguesa, por esta quadra:

*Craveiro, dá-me uma rosa!
Mas não qualquer, General:
Que eu quero, Craveiro, a rosa
Mais linda de Portugal.*

O Embaixador João Neves de Fontoura foi condecorado com a grã-cruz da Ordem de Cristo

Antes de deixar o Rio de Janeiro, o ministro Paulo Cunha procurou no Hotel Glória, onde reside, o embaixador João Neves de Fontoura, antigo ministro das Relações Exteriores e um dos mais eficientes obreiros da política da Comunidade luso-brasileira para lhe comunicar que o Presidente Craveiro Lopes o condecorara, pela sua acção em prol da Comunidade, com a grã-cruz da Ordem de Cristo.

O embaixador Neves de Fontoura publicou, há dias, no *Globo*, um magnífico artigo sobre o Tratado de Amizade e Consulta entre Portugal e Brasil que, por proposta do senador Esequias Rocha, foi transcrito nos Anais do Senado, com aplauso unânime dos senadores presentes, aos quais o nome e obra do Dr. João Neves mereceu os louvores mais entusiásticos, entre os quais o de Mem de Sá que afirmou ser ele «um dos homens públicos que mais têm engrandecido o Brasil, tanto nos seus cargos públicos como fora deles».

Henrique Pongetti em Lisboa

No *Globo* de 12 do corrente, o brilhante cronista Henrique Pongetti consagra o seu habitual *Show do mundo* ao Dr. Nuno Simões e às noites do Minho, no Coliseu, fazendo o caloroso elogio dos grupos folclóricos que nelas tomaram parte e da poetisa e declamadora Maria Manuela do Couto Viana, cuja visita ao Rio sugere e recomenda.

Romaria Grande de S. Torcato

Realiza-se no próximo domingo, primeiro domingo de Julho, na forma dos demais anos, a denominada Romaria Grande de S. Torcato, para a qual foi este ano estabelecido o seguinte programa:

No v. e. n. preparatória, ao anoitecer, desde o dia 1, com Missa, Comunhão e Prática. No dia 6, no fim da novena, Procissão de Velas, Vigília e Bênção Eucarística. Fogo de artificio.

De manhã, confissões no Santuário. De tarde, manifestações festivas.

Dia 7 de Julho: De manhã, Missas no Santuário, às 6, 8, 9 e 10 horas. Missa Solene às 12,30. Confissões e cumprimento de Promessas.

Nova imagem do Sagrado Coração de Jesus é oferecida em memória do Ano Jubilar do Sagrado Coração de Jesus e bendida por Sua Ex.ª o Senhor Arcebispo Primaz, às 10 horas, no lugar das Quintas.

Grande Peregrinação, organizada após a bênção para conduzir festivamente a nova imagem para o Santuário e na qual se incorporam muitas freguesias com os seus párocos e associações religiosas com as



Santuário de S. Torcato

suas insígnias e bandeiras. A chegada ao Santuário, Missa Campal e Alocação. Entronização da imagem no templo.

A freguesia de Caxinas, de Vila do Conde, com numerosa representação, toma parte em todos os actos da festa e promove a Missa Solene às 12,30.

De tarde, às 16,30, Sermão e Missa, seguindo-se a *Solene Procissão*

de S. Torcato, com vários andores, dezenas de figuras e anjinhos. Carros alegóricos com cores alusivos à vida do Glorioso Mártir.

A noite, às 22,30, Adoração Pregada, Apoteose e Louvores a S. Torcato.

Lindíssimas iluminações, Alegrias Populares, Fogos do Ar e Preso.

Dia 8 de Julho, Missas no Santuário, às 5 e 9 horas.

A. L. DE CARVALHO.

Do Concelho

Caldas de Vizela

Festividade em honra de S. João
Na Igreja Paroquial de S. João das Caldas realizou-se na pretérita segunda-feira a festa ao seu Padroeiro. O programa iniciou-se pelas 18 horas, com Missa Cantada, que teve a colaboração do grupo coral infantil da freguesia, Sermão pelo distinto orador sagrado Padre João de Oliveira, que muito agradeceu, e seguio de procissão pelas principais artérias da Vila.

O préstito religioso foi abrilhantado pela banda dos Bombeiros Voluntários de Vizela, e acompanhado por milhares de pessoas e os andores dos santos populares foram levados aos ombros dos soldados que prestam serviço no curso de Altos Comandos instalados nesta Vila, caso inédito na história da nossa terra.

Rancho Folclórico de Vizela
Este grupo folclórico, a convite do grupo recreativo «Os 20 Arautos de D. Afonso Henriques», da cidade de Guimarães, deslocou-se no dia de S. João a esta cidade onde foi actuar à Sede desta mesma agremiação.

A sua exibição, segundo o que averiguamos, agradou em cheio aos vimaranenses e espectadores, tributando-lhe fortes e calorosos aplausos em toda a sua exibição.

Bombeiros Voluntários de Vizela
Hoje, esta Real Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários está novamente em festa, com a entrada, para serviço da direcção e comando desta prestánte associação, de mais uma nova viatura.

Iluminação Pública
Na Rua Dr. Abílio Torres, a nossa principal artéria, e junto ao Jardim D. Maria do Resgate Salazar, encontram-se, já há bastantes dias, dois candeeiros apagados, tendo já sido alvo de bastantes comentários, e porque é uma grande deficiência, apelamos para quem de direito para que os ditos candeeiros voltem, o mais rápido possível, a cumprir a missão que lhes foi destinada.

O que há hoje
No Campo Agostinho de Lima prosseguimento do Campeonato Popular de Futebol com início dos jogos pelas 8 horas.

No Parque das Caldas
Matinée dançante.

No Cine-Parque
Hoje, pelas 15,30 e 21,30 horas, o grande filme português *O Dinheiro dos Pobres*, com Vasco Santana, António Silva, Artur Semedo, Emílio Correia, etc.

(Espectáculos para maiores de 17 anos).
Domingo, 7, *Don Juan*.

Farmácias de Serviço
Hoje está de serviço a *Farmácia Campante*. — C.

Pevidém

Os anseios de «uns» e as necessidades de «outros»

Já deve ser do conhecimento dos nossos leitores o alvitre para que o centro industrial de Pevidém seja elevado à categoria de Vila.

Se tal acontecer, será bastante benéfico para o nosso concelho, pois que passará a contar com três vilas, passando a nossa Câmara a ter direito para que da parte do Governo da Nação seja beneficiada com mais participações para as suas necessidades de momento.

Em Pevidém, uns desejam-no ardentemente e outros, por certo, não tanto, a não ser que dessa elevação à categoria de Vila possam ver resolvidas as necessidades pelas quais clamam há anos, sem resultado algum, vindo com tristeza que um meio tão rico seja de facto extremamente pobre em tudo aquilo que é uma imperiosa necessidade para todos os que lá vivem e trabalham.

Quem visita Pevidém, ou por necessidade ou por passeio, fica, de facto, desolado com tantas faltas e admirado por ainda não terem sido resolvidas. A que será devida tal situação? A falta de homens capazes? A falta de dinheiro? Creio que não, pois conhecendo o meio, sei e digo que não! Desculpem (pois não procuro atacar quem quer que seja, nem atribuir culpas a A, B ou C), mas para se ter qualquer coisa é preciso lutar e dizer verdades! Esta situação deve-se sim, à falta de união daqueles que podiam fazer desta terra não mais mas, pelo menos, aquilo que se tem feito na vizinha Riba d'Ave.

«A união faz a força». É um ditado muito velho e do qual todos nós conhecemos os benéficos resultados.

O Bairrismo é um sentimento que liga toda a gente seja qual for o seu credo. E do Bairrismo que vem todo e qualquer engrandecimento de uma terra, mesmo que, essa mesma terra seja pobre de recursos como há tantas a apontar. É para esse Bairrismo que eu apelo, para que todos aqueles que podem (e têm o dever) fazer de Pevidém uma terra

capaz, coisa essencial para que todos nos orgulhemos de lhe chamar Vila. — C.

De Covas

Expediente
Um amigo — Por que não enviou com a direcção do concelho que lhe interessa? — Sim, os outros esticaram o «pernil».

— Está para breve com a entrada do quinto. — Por falta de elementos e como foi já em meados do mês não nos referimos ao caso que nos aponta. Mas pelo que nos diz mereciam os dois uns bolinhos de bacalhau, perdão, queríamos dizer «bolinhos... escolares»!...

Nem só de pão vive o homem...

Deixem o povo folgar, cantar e bailar! Deixem festejar alegremente os Santos populares para se esquecer as agruras da vida! Vem isto a propósito da campanha que infelizmente se tem verificado contra os festejos populares na freguesia de Urgez.

Numa das últimas cartas e sob o título «Será verdade?» referimo-nos levemente à má vontade que mostravam para passar a respectiva licença para festejarem o S. João no Bairro de Nossa Senhora de Fátima (argumentando-se, segundo nos informam, que ainda era cedo), quando já numa freguesia vizinha decorriam os festejos sanjoaninos.

Acrescente-se, disso estamos certos, que esta má vontade não era do conhecimento dos superiores da respectiva secção. Não sabemos se foi ou não essa nossa simples notícia que virou as coisas para outro «campo», o que sabemos, isso sim, é que depois sempre se conseguiu a imprescindível licença e se festejou alegremente o S. João em Urgez. (Indicaram-nos ainda os nomes de outras pessoas que também fazem campanha contra estes festejos, mas não vemos que importância isso tenha pois só as autoridades, e mais ninguém, podem proibir tais divertimentos que se nos afiguram necessários...)

Na verdade, na noite de S. João toda a gente se quer divertir e estes pequenos festejos são, na maior parte, o único passatempo dos habitantes dos aglomerados populacionais que, parte deles, não têm meios para se deslocarem a Braga ou ao Porto. Portanto, vamos ao título: — Nem só de pão vive o homem...

O S. João na Ponte
Também no lugar da Ponte, Polvoreira, decorreram muito animados os festejos sanjoaninos.

Assim é que é...
Por iniciativa do Rev. Pároco de Mascoteles (St.º Amaro) e S. Tiago de Candoso realizou-se um interessante leilão de frangos assados (e onde não faltou o «arroz à coque-me») nesta última freguesia, no domingo, véspera de S. João. Abrihantou a interessante festa o «Ritmo Louco» e o «Rancho de Vila Flor» e o produto reverteu a favor das obras desta igreja. Ora aqui está uma atraente iniciativa...

Apontamento

Perguntam-nos porque é que alguns capitalistas não conseguem autorização para construir bairros de casas para a classe baixa.

Ora vejam lá que pergunta? Porque não perguntaram isto aos campistas?

Então não sabem que estamos no Verão e com o calor é um prazer dormir ao ar livre?!

Notícias pessoais

Já se encontra completamente restabelecido o industrial e nosso prezado amigo Sr. Alberto Pereira da Cunha.

— A uso de águas partiu para Caldelas a esposa do industrial e nosso bom amigo Sr. Narciso Pereira Mendes.

— Partiram para França os nossos bons amigos Srs. Fernando Areias e Guilherme Fernandes Abreu, este para visitar seu pai. — C.

Campelos

REPAROS

Luz de dia, para quê?

Temos observado que a iluminação pública se acende muito cedo, sem necessidade. Parece andar tudo ao contrário. No Inverno, por exemplo, que anoitece pelas 18 ou 19 horas, são por vezes 21 horas e ainda ninguém sabe da luz da rua. Não se poderá normalizar esta irregularidade? — Cremos que sim: Basta um pouco de boa vontade.

Saberão o que fazem?

Andam nas nossas estradas dois cantoneiros, que parecem «pescar» pouco do «artigo». Discordamos da maneira como consertam as estradas. Não julgamos estar bem, lançar para o meio da via pública todo o entulho e lixo que sai das valetas, ficando o piso em péssimo estado tanto para peões e ciclistas como até para os automobilistas.

Assim, meus amigos, não é consertar, fica tudo pior do que dantes.

Vejam se descobrem melhor processo para que as nossas estradas, mesmo de macadame, fiquem mais limpas.

Mas que coisa aborrecida!...

Não será proibido, mesmo na aldeia, o buzinar contínuo dos veículos que transportam a sardinha?... Diariamente essa «praga» se verifica causando aborrecimento geral especialmente aos doentes que não podem descansar ao som estridente desses enfatuosos «claxons».

Estes precisam de... mangueira

Ainda sobre os vendedores da sardinha, chamamos a atenção para quem de direito, para a semi-cerimónia com que deitam para o chão, no local onde vulgarmente fazem a praça, todos os restos do peixe e limpeza das caixas, provocando em dias de sol um cheiro nauseabundo. Tudo isto se evitaria se esses indivíduos fossem mais limpos e asseados, mas infelizmente tal não se verifica. Precisam de correcção pois esse local deve conservar-se sempre limpo.

Assim, sim!

Com a pintura de alguns prédios centrais, bem como das nossas capelas, torna-se mais alegre e asseada a fisionomia desta localidade. Era bom que se acabasse de vez com o futebol na rua, pois a bola é a que mais suja esses prédios. Já há tempos fizemos referência a esta anomalia e não nos consta que houvesse reprimenda. Por isso novamente clamamos pela autoridade. — A propósito: Senhor... (?) porque não manda pintar a continuação do prédio? Talvez ficasse com melhor apresentação, não acha?

Para tais... só o chicote

Sabemos que a Junta da Freguesia intimou o proprietário daquela lenha existente junto ao adro da igreja para que a retirasse dali em determinado prazo. Quando há dias por lá passávamos, reparamos que essa lenha ainda lá existia.

Não será isto desobedecer à autoridade?

Bom presságio

Leímos com satisfação que a Câmara Municipal, numa das suas últimas reuniões, mandou proceder ao arranjo do caminho que liga o lugar de Pouve ao da Veiga de Fora. Não há dúvida que era uma necessidade. Oxalá que esta obra seja o começo de outras a que temos feito referência.

Sociedade

Tivemos o prazer de cumprimentar o nosso amigo e assinante Sr. Joaquim Maria da Silva Carneiro, conceituado técnico da Companhia de Fiação e Tecidos de Alcoçaba, que em gozo de merecidas férias se encontra entre nós, em casa de sua família.

Parabéns
— Também cumprimentamos em casa de seus pais o Rev.º Miguel da Silva Carneiro, que ao mesmo tempo que goza uns dias de férias está a ultimar os preparativos para o seu grande dia: Ordenação Sacerdotal e Missa Nova.

Parabéns
Brevemente daremos mais notícias sobre este acontecimento.

O nosso correio

É verdade, amigo. Muito obrigado e mande sempre. — C.

Guardizela

Resposta a uma carta

Com pedido de publicação e em resposta a uma carta, que aqui inserimos no penúltimo número deste jornal, dum nosso estimado leitor da vizinha freguesia de Lordelo, a qual intitulamos por *Epílogo duma excursão* e onde se lamentava o silêncio verificado num organizador de excursões quanto a não ter sido cumprido pela empresa respectiva o contrato ajustado, recebemos do organizador versado uma carta que só por si dirá tudo e da qual recontaremos a parte essencial, dando à mesma a nossa isenção absoluta.

Diz assim a carta:

«Lordelo, 20-6-57.
Sr. Correspondente:

Acabo de ler no jornal *Notícias de Guimarães*, de 16 do corrente, uma carta que me diz respeito e que se refere a uma excursão que realizei a Fátima, de 12 a 14 deste ano.

Sr. Correspondente: por ser verdade parte das coisas que nessa carta o tal leitor afirma, vou contar-lhe o que se passou:

Fui alugar um carro à garagem do Sr. João Ferreira das Neves & Filhos, de Guimarães; tratei o carro n.º 30, que é, como se sabe, um carro novo; exigiram-me o dinheiro adiantado ao que prontamente correspondi; o Sr. Ferreira não respondeu ao contrato, como o posso justificar — pois mandou-me o carro n.º 22; quando vi aquele carro perguntei, admirado, ao motorista, o que queria aquilo significar, tendo obtido por resposta que o carro n.º 30 se havia esbarrado em Ronfe, e que, por sinal, até estavam sete pessoas no Hospital por causa disso.

Não acreditei muito na balela, mas quando ele me disse para telefonar para a polícia a ver se seriam ou não verdadeiras as suas palavras, confiei e segui-me, embora um tanto apreensivos com a questão, até que, já no Luso, me avistei com o Sr. Ferreira e lhe perguntei se o carro 30 se tinha esbarrado realmente, ao que ele me

respondeu que não, pelo menos que o soubesse, tendo-lhe eu falado então desta maneira:

— Por que razão me faltou com o carro que tratei?

Resposta: — Esse carro ficou avariado na bomba de água e só às 10 horas estaria pronto.

Outra trapalhada, porquanto eu ter perguntado ao povo do referido carro n.º 30 e este me responder que saiu de casa antes das 8 horas.

Como o Sr. Ferreira tivesse observado a minha insistência em querer mudar para o carro a que tinha direito, acomodou-me, dizendo que no Buçaco o caso seria resolvido.

No Buçaco e atendendo mais uma vez aos desejos do referido senhor, ficou combinado a reunirmo-nos, de novo, em Fátima, junto à bomba de gasolina, das 10 às 11 horas da noite. Aí estive, esperei e nada.

No dia 15 fui a Guimarães para ver o assunto, mas o empresário não estava segundo me informaram. Então o empregado Sr. Oliveira disse-me que, no dia 11 à noite, tinha despachado o serviço e que mandou vir o tal carro n.º 30 para mim, coisa que constava no livro dos contratos. Voltei lá, a Guimarães, no dia 18, e desta vez avisei-me com o Sr. Ferreira, o qual se mostrava indiferente com o caso e não ligava. Pedi-lhe uma indemnização para o povo e ele respondeu-me que os outros que foram na minha camioneta não pagaram mais. Dirigi-me, então, à P. V. T., a fim de saber o direito que me assistia, tendo obtido a informação de que não tinha direito.

Calei-me com a minha mágoa. Agora que novamente se fala no assunto, vamos lá outra vez, para que toda a gente saiba o que se passou, expondo ao povo que não recebi qualquer gratificação e por isso não me posso calar. — *Leandro José Correia*.

A actividade das Casas do Povo

No nosso número de 9 do mês em curso, respondíamos aqui a um sócio da Casa do Povo de Serzedelo, nos seguintes termos:

«A ser verdade o que nos informa, supomos os seus protestos razoáveis. Antes, porém, de aos mesmos darmos ventilação, pretendemos avistar-nos, a tal respeito, com a entidade respectiva e só então o caso poderá ser aqui tratado. Confie e espere».

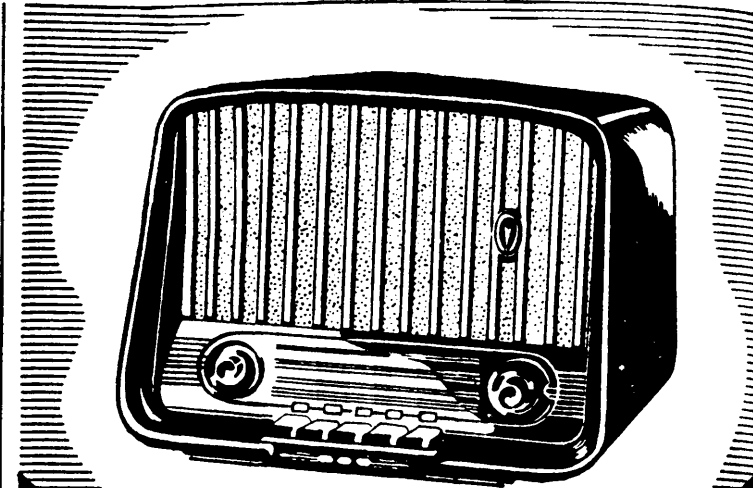
A propósito informamos que, no passado dia 20, foi lido na nossa igreja um comunicado, o qual lhe servirá de resposta definitiva e que diz que «em 28 de Maio findo foi superiormente homologado novo contrato para prestação de assistência médica aos sócios efectivos da Casa do Povo de Serzedelo, e no sentido de a melhorar, a qual passa a ser prestada nos seguintes termos:

a) Consultas na Casa do Povo todas as terças-feiras e sábados de manhã, com início às 10 horas;

b) Consultas no consultório médico sito em Vila das Aves, em qualquer outro dia, durante as horas de consulta;

c) Visitas domiciliárias, caso a doença impossibilite o beneficiário de sair;

d) Visitas periódicas a partir do oitavo dia da doença, aos beneficiários que recebam subsídios;



TEKA DE
TIPO
W 566 L

Novo modelo de grande potência para todas as ondas

AGENTES GERAIS
ELECTRÔNIA, L. da
R. DE SANTO ANTÓNIO, 71, PORTO - TELEF. 25800
LISBOA, RUA ALEXANDRE HERCULANO, 5-1º - TELEF. 53263

e) Tratamentos, intervenções de pequena cirurgia e partos.

O médico obriga-se, quando lhe for requisitada visita domiciliária, a comparecer na casa do doente no prazo máximo de oito horas.

Além de assistência médica concede a Casa do Povo ainda os seguintes benefícios: percentagem de 40 % nos medicamentos, subsídios por doença, por invalidez, por morte e 20\$00 por cada nascimento de filho».

Excursão a Fátima

Realiza-se de 12 a 14 de Junho de 1958 uma excursão a Fátima em luxuosos autocarros da acreditada empresa Almeida & Filhos, Ltd., de Castelo de Paiva, a preços cómodos, e com o seguinte itinerário: *Partida*: — Guardizela, Porto, São João da Madeira, Oliveira de Azemeis, La Salet, Curia, Luso, Buçaco, Coimbra, Leiria, Fátima.

Regresso: — Batalha, Alcoçaba, Nazaré, Marinha Grande, Figueira da

Foz, Aveiro, Farol-Costa Nova, Espinho, Santa Maria Adelaide, Porto, Guardizela.

Em virtude da lotação para o primeiro autocarro estar já esgotada, torna-se público que se vai proceder ao preenchimento dum segundo autocarro ou mais, se possível, devendo os senhores interessados dirigirem-se, sem demora, ao organizador Sr. Armindo Alves, de Guardizela.

Teatro amador

O Grupo Recreativo de Guardizela, tem representado, no Salão Paroquial desta freguesia, *O Julgamento dum Crime*.

Porque a nossa carta de hoje já é bastante extensa, só no próximo número lhe faremos referências.

Carteira do leitor

Tem passado doente, mas já se encontra melhor, o nosso bom amigo Sr. Manuel Machado.

Rápido restabelecimento são os nossos votos. — C.

O óleo deixa dourados e bonitos todos os seus fritos!

Óleo DE AMENDOIM

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

O PETRÓLEO NA VIDA MODERNA

O progresso da Humanidade traduz-se em termos de poder. Poder, mas no que essa palavra significa de energia e de capacidade de trabalho. O homem primitivo não tinha poder para além dos seus músculos, e estes não o levaram muito longe. Gradualmente, aprendeu depois a usar em seu benefício a força animal — do boi, do camelo, do elefante, do lama, e. é claro, do cavalo. Ainda nos nossos dias a força das máquinas se mede em « cavalos », embora estes nada tenham que ver com a potência das máquinas de hoje.

Aprendeu o homem também a utilizar o vento para fazer andar seus navios e girar seus moinhos; a servir-se do peso da água para fazer mover as mós. Mas isto pouco alterou o ritmo da vida humana. A cultura e a civilização de poucos continuou a fazer-se à custa do esforço muscular do maior número. E só recentemente o homem descobriu novas fontes de energia. A descoberta de como transformar o calor em força motriz foi elemento decisivo na chamada « revolução industrial ». A era do músculo passou.

A idade da máquina tinha começado: cilindros duplos, máquinas de expansão tripla, turbinas... E houve outros progressos, como o do aproveitamento das quedas de água para a produção de energia eléctrica e a utilização desta para a iluminação e força motriz.

Mas, entre todos, a descoberta da possibilidade da extração do petróleo dos seus poços naturais e o subsequente desenvolvimento do motor de combustão interna representaram o maior passo dado pelo homem para a conquista da distância e para o domínio da força. Em menos de um século, a indústria do petróleo transformou-se numa das indústrias mais importantes do mundo inteiro.

Embora se possa já ver, num apartado horizonte, a possibilidade da aplicação da energia atómica na satisfação das necessidades da vida quotidiana, o petróleo e o gás natural que com ele geralmente se encontra, constituem, na actualidade, a maior fonte simples de energia e, por si só, fornecem cerca de metade da energia actualmente consumida. O mundo depende vitalmente da indústria do petróleo. Tão vitalmente como nós dependemos do sangue que nos corre nas veias. O petróleo e os seus derivados entram nos nossos lares e na nossa vida sob mil e um aspectos diferentes. Habitamo-nos por tal forma aos benefícios que nos proporcionam que seria praticamente impossível viver sem eles. Hoje, não há país algum que possa subsistir sem o petróleo, sendo tanto maior e mais crucial tal necessidade, quanto mais desenvolvidos, industrialmente, os países se encontram.

A primeira grande guerra mundial

permitiu pôr em evidência a importância do petróleo num mundo em conflito. A segunda confirmou mais uma vez esta verdade. Ficando privados das habituais captações de produtos petrolíferos, podemos então avaliar a importância que têm na vida moderna.

E os povos já adquiriram o hábito de contar com a indústria do petróleo, pois que o contínuo afluxo de produtos petrolíferos lhes garante um nível cada vez mais elevado de civilização e progresso. Por isso, a indústria do petróleo tem de estar convenientemente preparada para a magna tarefa de produzir, refinar, transportar e distribuir os seus produtos onde e quando são necessários e nas quantidades e qualidades requeridas.

A expansão da indústria do petróleo realiza-se com um ritmo tal que parece destinada a ter, dentro

detergentes, insecticidas, hormonas sintéticas, resinas e até os cosméticos, todos estes produtos são mais ou menos derivados do petróleo.

Mas um serviço ainda maior prestou o petróleo à Humanidade — o assustador aumento da população tornou premente a necessidade do aproveitamento integral de todos os produtos alimentares e o aumento da produtividade dos campos e culturas. Ora não só os derivados do petróleo tornaram possível que se prescindia hoje da utilização de produtos alimentares para a produção de alcoóis, detergentes, etc. (pois que estes podem ser obtidos a partir do petróleo), como muitos deles constituem fertilizantes das terras ou poderosos pesticidas e herbicidas. E permitiu principalmente a possibilidade de mecanização da agricultura, o que veio aumentar a produção unitária dos campos de cul-



Um aspecto da Refinaria da SHELL, em Pernis (Holanda)

de poucos anos, uma preponderância definitiva sobre as outras indústrias. Até que a energia atómica atinja um aperfeiçoamento que lhe permita uma utilização em larga escala (e isto não poderá ter lugar antes de várias décadas), o mundo continuará a depender criticamente dos produtos petrolíferos, para a produção de energia. Se esses produtos não alcançarem progressivamente os mais recônditos cantos do mundo, a expansão industrial não poderá manter-se, nem os níveis de vida poderão ser melhorados ou sequer mantidos.

Há tendência para se ficar hipnotizado com a utilização do petróleo na produção de combustíveis, e esquecemo-nos de que hoje se obtêm do petróleo bruto, cerca de 5.500 produtos, na maior parte imprescindíveis, ou mesmo vitais, para a manutenção do nível e ritmo de vida a que nos habituamos. Alguns destes derivados constituem matérias-primas das indústrias de síntese orgânica. Vernizes, tintas, matérias plásticas, borracha, álcool, glicerina, asfaltos, parafinas, nylons, orlons,

ou dispensar braços úteis noutros sectores.

A própria Medicina presta o petróleo relevantes serviços. Enorme gama de anestésicos e mesmo medicamentos, obtêm-se da indústria petrolífera. A linha utilizada nos pontos e suturas de operações ou práticas cirúrgicas é hoje um derivado do petróleo. E vasto o campo de aplicação de produtos petrolíferos.

A petroquímica é uma indústria nova que se dedica à fabricação de produtos químicos derivados do petróleo. Os laboratórios da Shell, por exemplo, dispõem de uma notável equipa de investigadores, entre os quais alguns Prémios Nobel, que se dedicam exclusivamente e com surpreendentes resultados, a esta nova ciência.

Descansemos porém, que o petróleo não desaparecerá por longos anos da face da terra se atentarmos nas reservas petrolíferas existentes.

Utilizado como carburante ou como matéria-prima de síntese orgânica, pode-se afirmar, com segurança, que o petróleo tem à sua frente um prodigioso futuro.

SERVINDO A LAVOURA

A PROCESSIONÁRIA DO PINHEIRO

(Do Boletim Agrícola, publicação mensal da Shell Portuguesa).

O Homem primitivo não se preocupava certamente com os insectos que enfraqueciam e matavam as árvores onde ele tirava a madeira para construir a sua cabana e a lenha para se aquecer e cozinhar as suas refeições. Madeira e lenha chegavam para todos e, se acontecia uma praga destruir as árvores existentes numas centenas de hectares, o Homem podia livremente ir buscar, um pouco mais além, os seus meios de subsistência.

Mas na moderna civilização o panorama mudou completamente: agora já tem importância o desgaste que as pragas provocam no capital lenhoso, porquanto a população mundial, sempre crescente, veio aumentar consideravelmente as necessidades de produção.

Para a manutenção dos recursos lenhosos e dos enormes valores comerciais e estéticos nele envolvidos, o Homem moderno declarou guerra ao Insecto nocivo; e o Homem, com todos os poderes que lhe confere a Ciência e a sua Inteligência, está longe ainda de poder considerar-se vencedor.

Um dos insectos que, em Portugal, tem bastante importância pelos elevados prejuízos que causa, é a lagarta ou processionária do pinheiro, a que os entomologistas chamam «Thaumetopoea pityocampa Schiff». Muita gente ignora que este insecto, que afinal apenas rói as agulhas dos pinheiros, pode ser responsável por elevados prejuízos. Ora, é nas folhas que são «fabricadas» as substâncias responsáveis pelo crescimento das plantas (hidratos de carbono e proteínas) e, por essa razão, as folhas podem ser consideradas como o centro vital da planta. Não custa portanto admitir que uma desfolha violenta, como a que pode ser provocada por um ataque intenso de processionária, venha a reflectir-se de maneira muito sensível no crescimento da planta.

Todos os nossos leitores devem já ter reparado, ao olharem para uma pilha de toros de pinheiro, nos chamados «anéis de crescimento». Esses anéis de crescimento podem dar-nos uma ideia muito nítida das dificuldades por que a árvore passou durante o seu crescimento; os anos bons, os anos secos, as pragas violentas tudo fica ali indelévelmente registado.

Foi este o princípio de que nos utilizámos, num estudo que há tempos fizemos sobre os prejuízos causados por um ataque de processionária num pinhal da península de Setúbal. O método que seguimos, sem ser demasiado difícil de compreender, é por demais trabalhoso para que possa ser descrito nas páginas deste Boletim. O que interessa frisar é que, por cubicagem e medição de inúmeros toros de pinheiro e respectivos anéis de crescimento, conseguimos determinar o prejuízo económico aproximado, motivado por um ataque de processionária nesse pinhal.

Assim, um ataque moderado verificado nos meses de Inverno foi provocar uma diminuição de crescimento que, generalizado ao hectare, se podia computar, 6 meses depois, em cerca de 0,3^m de madeira ou seja aproximadamente Esc. 35\$00. Mas esse mesmo ataque repercutiu-se ainda sobre os anéis de crescimento musical maravilhosamente rídiculo, no qual o violoncelista lia cimento do ano imediato e assim, pôde determinar-se que o ataque de processionária em questão se tornou responsável, passados 18 meses, por uma perda equivalente a cerca de 0,6^m/ha ou seja aproximadamente Esc. 76\$00 por hectare. A generalização dos números que acabamos de dar à área total do País, só tem sentido na medida em que nos poderá fornecer uma ideia da ordem de grandeza dos valores que anualmente se perdem devido à processionária do pinheiro.

Assim, considerando que apenas 10 % dos 1.200.000 hectares de pinhal em Portugal se encontrariam moderadamente atacados pela praga (número que não nos parece exagerado se nos lembrarmos das vastíssimas regiões montanhosas onde o pinheiro é particularmente sujeito aos ataques da processionária), teríamos uma perda imediata de

$$120.000 \times 35\$00 = 4.200.000\$00$$

A influência do mesmo ataque elevaria a perda, ao fim de 18 meses, à cifra de

$$120.000 \times 70\$00 = 8.400.000\$00$$

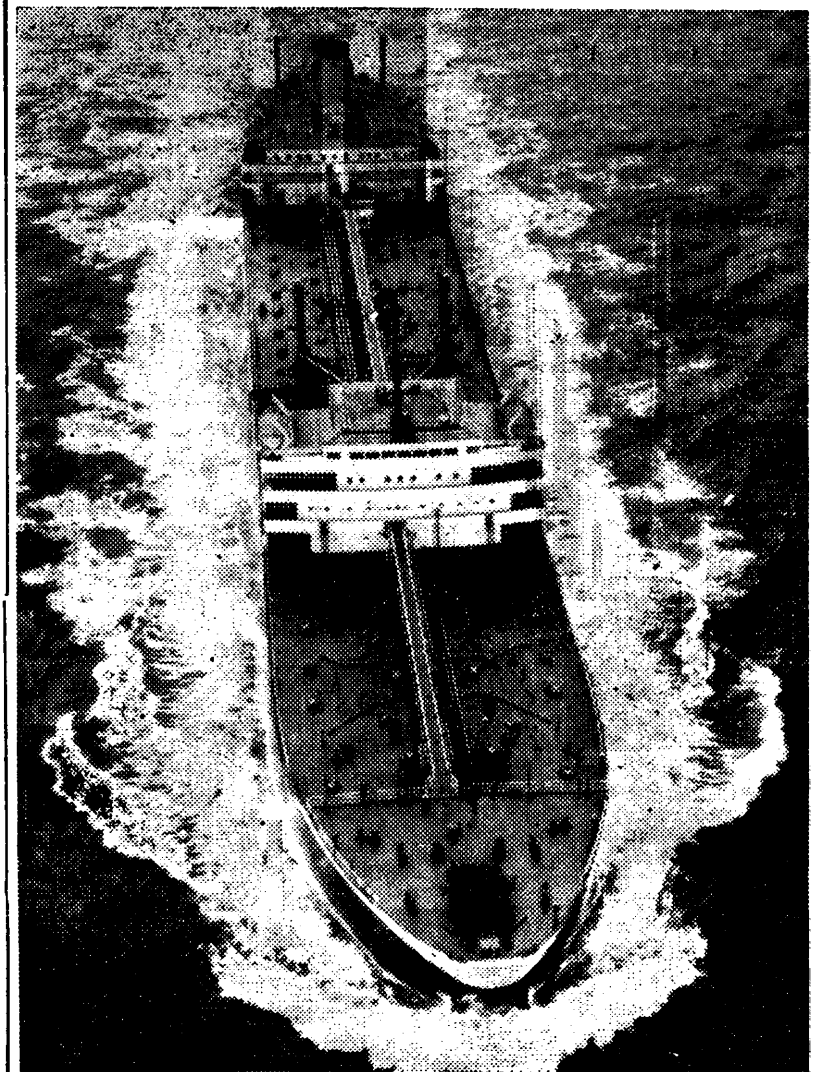
Convém lembrar que estes números são, com certeza, dados por defeito, pois que para o seu cálculo não intervieram nem a perda da rama, nem a perda em altura. Além disso, não há dúvidas de que ataques seguidos sobre uma mesma árvore — caso que não foi considerado — deverão repercutir-se de forma muito mais pesada no acréscimo anual das árvores.

Daquí se conclui a importância de que esta praga se reveste para o nosso País; sem madeira não se podem restaurar minas, construir linhas ferroviárias e fábricas, e não se pode dar incremento à construção de outras inúmeras obras que, cada dia, se vão tornando mais necessárias. Além disso, é facto sabido que os países mais industrializados requerem grandes quantidades de madeira (especialmente de árvores resinosas) e também é verdade que a educação e instrução pública dependem, em larga escala, das possibilidades de papel, papel este que provém em grande parte da madeira daquelas árvores.

Torna-se por isso importante que os nossos proprietários de pinhais façam todos os esforços para que o património florestal português (possuindo grande percentagem de resinosos) se mantenha em plena produção e não sofra desfalques que venham a pesar na economia da Nação.

EDUARDO CAUPERS,
Engenheiro Agrônomo.

O «ZAPHON» o maior petroleiro britânico



O «ZAPHON» navegando em pleno oceano

Numa manhã de Abril passado, o «Zaphon», o maior petroleiro britânico, que desloca 38.000 toneladas e pertence à frota petroleira da Shell de que é o navio chefe, deixou o rio Tyne na sua primeira viagem. Dirigia-se para o Golfo Pérsico, onde carregou 35.000 toneladas de petróleo bruto destinado a uma das refinarias do Noroeste da Europa.

O «Zaphon», cuja velocidade é de 16,5 nós, foi construído por Swan, Hunter and Wigham Richardson, Ltd., em Wallsend-on-Tyne. Este navio e o seu gémeo «Zenatia», que se encontra quase pronto nos estaleiros de Cammell Laird & Co., Ltd., em Birkenhead, foram especialmente con-

cebidos para transitarem no Canal de Suez completamente carregados.

Encomendados em 1952, estes navios são presentemente os maiores petroleiros prontos ou quase prontos da frota da Shell, para a qual, todavia, estão já encomendados mais sete grandes petroleiros, incluindo três de 65.000 toneladas.

O comandante do «Zaphon» é o Capitão J. F. Rumbellow O. B. E., comodoro da frota petroleira da Shell. Fez a sua primeira viagem em 1915 e entrou para a frota Shell em 1919. Recbeu o O. B. E. (Ordem do Império Britânico) em Janeiro deste ano.

ANEDOTAS

História de garotos

Respondendo a uma pergunta de sua mãe:

— Não tens vergonha de chorar por causa de um bombom?
João Cláudio (de 9 anos), exclamou:

— Não choro, manifesto-me!

História de louco

Um louco saúda com a mão um «colega» que acaba de embarcar para a América. O outro corresponde agitando um lenço. O barco distancia-se e o louco que está no cais, grita:

— Agita o barco que eu já não vejo o teu lenço!

História de «Far West»

Uma dama recebe uma certidão de idade e reclama:

— Perdão, *sheriff*, não sou a viúva Smith. Eis o meu marido.

— Peço desculpa, minha senhora, responde o *sheriff*. E tirando o revólver, mata o sr. Smith instantaneamente.

História de fantasmas

Três *gentlemen* jogam as cartas num castelo da Escócia. Abre-se a porta e entra um fantasma que começa a observar o jogo. Cinco minutos mais tarde, a porta abre-se novamente e entra outro fantasma. Então um dos jogadores, excitado, berra:

— Quando acabam de abrir a porta? Parece que não há o buraco da fechadura!

MISCELÂNEA

O «Engenho» de um motorista dinamarquês

Um motorista de taxi, de Copenhaga, encontrou um meio muito original de aumentar a sua clientela. Esse meio consiste em contar, aos passageiros, aventuras de amor em episódios. Os clientes, desejosos de continuar a ouvir o relato das aventuras, que são de facto interessantes, procuram o *taxi* com insistência, cada vez que têm necessidade de ir de um lado para o outro da cidade.

Um famoso camaleão morreu centenário

Um dos últimos e certamente o mais famoso dos camaleões do Afeganistão, que desempenhou importante papel no desbravamento do interior australiano, morreu há dias. Chamava-se Bajah Dervish e nasceu, há cem anos, no Beluchistão.

Os camaleões do Norte da Índia e do Afeganistão revelaram-se óptimos colaboradores nos tempos em que, na Austrália, os transportes no interior eram feitos apenas a dorso de camelo. Bajah Dervish foi muito útil à expedição Wells-Calvert, que explorou o deserto australiano em 1896. Dois dos seus membros morreram de sede e a salvação dos restantes deveu-se à coragem e à habilidade de Bajah Dervish.

Alto, sempre de turbante e ostentando longas barbas brancas, o antigo camaleão era objecto da estima e admiração dos australianos dos nossos dias que trocaram o camelo por outros meios de transporte mais rápidos.

Os átomos e as moscas

Os cientistas americanos estão a empregar o «cerium» radioactivo, um produto da energia atómica para fins pacíficos, a fim de descobrir novos factos acerca das moscas. Procuram obter mais ampla informação quanto à maneira como as moscas transmitem doenças aos animais selvagens e ao homem.

As moscas são «marcadas», mergulhando-as em água contendo «cerium» radioactivo. O «cerium» é pegajoso e adere ao corpo dos insectos. Depois de «marcadas» as moscas são largadas sobre roedores selvagens a a sua passagem assinalada no corpo dos mesmos por instrumentos de detecção da radiação.

Os cientistas esperam descobrir a rapidez com que as moscas emigram de uma para outra animal, dos roedores selvagens para os domésticos e destes para o homem. O sistema de «marcação» pela radioactividade pode ser utilizado em estudo semelhante de carrapatos e outros insectos.

tos cujos hábitos têm sido, até aqui, difíceis de descobrir.

Um concerto original com aspiradores e enceradeiras

O humorista inglês Gerard Hoffnung tinha-se contentado, até agora, em criar, por meio de desenhos, um a sua partitura por um periscópio, um músico improvisado tocava harpa numa gigantesca roda de bicicleta, um maestro, frenético, afiava a batuta com um canivete.

Ora, Gerard Hoffnung decidiu traduzir esses desenhos humorísticos em música e, assim deu há dias um «grandioso» concerto, cujo programa começava com um prolongado toque de tambor e o ruído espantoso de trombetas, tudo num «chintim» ensurdecedor. Seguiu-se a grande «abertura» do compositor Madolen Arnold dedicado ao antigo presidente Hoover dos Estados Unidos.

Essa peça musical foi interpretada com os seguintes instrumentos: Três espingardas; três aspiradores «Hoover» (passe o reclame), dois verticais em si bemol e um terceiro, horizontal, em dó maior; e uma enceradeira eléctrica em mi bemol. A música ia subindo de tom até à nota final, que consistiu numa inesperada série de tiros de canhão, fabricados ali mesmo.

Câmara Municipal de Guimarães

Reunião de 19 de Junho de 1957

A Câmara, sob a presidência do Ex.º Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

Admitir e aprovar por unanimidade as propostas apresentadas pelo Ex.º Presidente e que são do teor seguinte:

Mais um Festival se realizou no sábado da semana passada, dia 15, nos Paços dos Duques.

Foi o 3.º espectáculo para honra e glória do Mestre Gil.

Participaram neste Festival os Caixeiros de Guimarães e o Grupo Coral «Aleluia», de Aveiro.

Tanto o Teatro dos Caixeiros como o Grupo Coral bem mereceram o reconhecimento desta Câmara Municipal como entidade promotora das Comemorações Vicentinas, pelo bom desempenho da missão artística que lhes coube.

Foi mais um serão de arte, de prazer espiritual, que perdurará na memória dos que a ele assistiram.

Nada há a criticar ou censurar. O espectáculo satisfez plenamente. Louvar é um dever. Por isso, tenho a honra de propor que nesta acta se consigne o agradecimento da Câmara e louvor à Direcção do Teatro dos Caixeiros e à Coral «Aleluia», de Aveiro;

— É motivo do maior regozijo para todos os vimezanenses a colocação de uma unidade militar em Guimarães. E a recente colocação de Cavalaria n.º 6 na nossa Terra vem também reatar as gloriosas tradições da cavalaria vimezanense. Proporciona-se, portanto, agora o momento para a realização em Guimarães de um Concurso Hípico nos próximos dias 2, 4 e 5 de Agosto, de homenagem ao Regimento de Cavalaria n.º 6 e enquadramento nos dias festivos das Gualterianas. Será acontecimento de extraordinário relevo não só pela categoria do Regimento homenageado, como das pessoas interessadas em participar das provas e também pela que aqui atrairá. Um concurso hípico é sempre um motivo de realce e de distinção. E a sua realização no histórico Campo de S. Mamede, junto ao Castelo da Fundação, dá-lhe importância e magnitude. Nestas condições, e para que atinja o brilho que Guimarães sabe imprimir a todas as suas manifestações, sejam elas de índole cultural ou outras, tenho a honra de propor à Câmara a nomeação da Comissão sobre cujos ombros vai recair o encargo da realização dessa brilhante prova, constituída pelos Ex.ºs Srs.: Vereador Manuel Soares Moreira Guimarães que presidirá como representante da Câmara; Capitão Almeida Santos, do Regimento de Cavalaria n.º 6; Tenente Diamantino do Nascimento Morgado, Comandante da Secção da G. N. R.; Tenente Artur Poças Falcão, Comandante da Secção da P. S. P.; Doutor Jorge da Costa Antunes, Presidente das Festas Gualterianas; João Maria Rodrigues Martins da Costa (Aldão); Dr. José da Conceição Gonçalves; Luís Cardoso Meneses Margaride; Oscar Avelino Pires; Bráulio Teixeira Carneiro e António Cardoso Meneses Margaride;

— Exarar na acta um voto de pesar pelo falecimento do funcionário deste Município, Manuel Monteiro;

— Tomar conhecimento do agradecimento do Vereador Sr. Dr. Júlio Soares Leite a propósito das manifestações de pesar que esta Câmara lhe dispensou por ocasião do falecimento de sua saudosa Mãe;

— Aceitar e apoiar a sugestão do Grémio do Comércio deste concelho respeitante ao Cortejo que pretende levar a efeito por ocasião das Festas Gualterianas, designando o Vereador Sr. António Simões para, em colaboração com aquele Grémio, promover a sua concretização;

— Adquirir terrenos de lavradio a D. Maria Alice Teixeira Setas para efeito da obra de urbanização da zona do novo Liceu;

— Adquirir também prédios a D. Maria de Lurdes Peixoto Sampaio de Bourbon para efeitos da mesma obra;

— Tomar conhecimento do agradecimento manifestado pela Direcção do Turismo-Oquei Clube das Taipas a propósito do subsídio concedido para a obra de iluminação do ringue de patinagem daquela Vila;

— Promover a participação da Festada de Guimarães no III Festival Folclórico Internacional de Santa Marta de Portuzelo;

— Tomar conhecimento da participação de 72.000\$00 para a obra de construção da via de acesso à Igreja paroquial de São Miguel das Caldas — 2.ª fase;

— Informar a Junta de Freguesia de Penelo de que a entrega do seu contributo para electrificação daquela localidade só é conveniente fazer-se depois de legalizada a transferência de posse do edifício escolar;

— Autorizar a Junta de Freguesia de Donim a construir um caminho de acesso à escola daquela localidade, nas condições que constam da informação da Repartição de Obras, e informar aquele corpo administrativo de que o montante do sub-

sídio pedido só poderá estabelecer-se depois do caminho feito e medido, em virtude de se tratar dum calcetamento;

— Autorizar as obras que a Junta de Turismo da Estância Termal das Taipas pretende efectuar na sua Sede (edifício da Câmara), concordando com a adjudicação, devendo lavar-se o respectivo contrato;

— Conceder um subsídio à Comissão das Festas de São Cristóvão;

— Sancionar os despachos do Excelentíssimo Presidente que concederam licenças à Firma Roberto Vítor Germano, Sucessores, Dr. Domingos Meneses Pimentel e Dr. Manuel Carneiro da Prada;

— Conceder licenças de habitação, de harmonia com os respectivos autos de vistoria, a Manuel Alves Carneiro, Carlos de Azevedo Henriques e João Pereira;

— Indeferir o processo de licença para habitação em que é requerente Joaquim Teixeira, em virtude da obra ter sido executada em desconformidade com o respectivo projecto;

— Autorizar pagamentos no montante de 2.255.088\$20.

Reunião de 27 de Junho de 1957

A Câmara, sob a presidência do Ex.º Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

Admitir e aprovar por unanimidade duas propostas apresentadas pelo Ex.º Presidente e que são do teor seguinte:

a) «Da primeira reunião da Câmara depois do regresso do Brasil de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, onde triunfalmente foi recebido e acarinado pelos mais altos representantes da Grande Nação Irmã e estreitou assim com a superioridade da sua inteligência e do seu trato os laços de amizade e de compreensão que unem os dois países atlânticos, proponho que, na acta, fique registado o nosso júbilo pela memorável viagem, do mais nobre sentido patriótico e que a Sua Excelência o General Craveiro Lopes seja dirigido o seguinte telegrama: «Guimarães saúda e felicita a pessoa prestigiosa de Vossa Excelência congratulando-se com o êxito alcançado glorioso e memorável viagem País Irmão».

b) «Integrado no programa das Comemorações Vicentinas promovidas por esta Câmara Municipal, realizou-se no sábado da semana passada o IV Festival em que participou a Polyphonia Schola Cantorum, sob a direcção proficiente do consagrado Cantor-Mor Mário de Sampaio Ribeiro. Este espectáculo levado a efeito, como os anteriores, nos Paços dos Duques, foi na realidade um serão memorável de verdadeira arte pela mestria da sua execução e sentido de adaptação ao objectivo a atingir de glorificar Mestre Gil Vicente que Guimarães, tradicionalmente, conta como seu filho. Por dever de gratidão há que louvar e demonstrar reconhecimento àquele agrupamento artístico. E, assim, tenho a honra de propor que nesta acta se consigne um voto de louvor e agradecimento à Polyphonia Schola Cantorum, na pessoa do seu director Mário de Sampaio Ribeiro».

— Admitir e aprovar por unanimidade a proposta apresentada pelo Vereador Sr. Manuel Soares Moreira Guimarães que é do teor seguinte: «Tendo notado deficiência de iluminação pública em vários locais desta cidade, vila de Vizela, vila das Taipas e Pevidém, proponho: Substituir as lâmpadas e candeeiros velhos por 3 candeeiros de braço com lâmpadas fluorescentes, depois da Ponte, na Rua Dr. Abílio Torres, em Vizela. A mudança de 2 candeeiros de braço que se encontram à entrada do Parque de Vizela para as extremidades da meia laranja à entrada do mesmo Parque, por forma a iluminar convenientemente não só aquela entrada como também a Rua Dr. Abílio Torres. A colocação duma lâmpada fluorescente no candeeiro na quinta da casa onde nasceu Martins Sarmento, no Largo da República do Brasil. A colocação de um candeeiro ou braço com a mesma qualidade de lâmpada no terminus da Rua Francisco Agra, perto do Bairro de casas ali existente. A colocação de 12 lâmpadas fluorescentes nos candeeiros colocados junto ao rio no Parque da vila das Taipas. A colocação de 30 lâmpadas fluorescentes nos candeeiros no jardim do Pevidém, rua e adro.

— Promover concertos musicais no jardim público nas condições do ano anterior;

— Autorizar o Ex.º Presidente a assinar o termo de transacção na acção intentada contra a Câmara e Junta de Freguesia de Aباção, São Tomé, por Joaquim de Almeida Guimarães e esposa e que corre seus termos no Tribunal Judicial desta Comarca.

— Deferir o pedido do Clube de Caçadores das Taipas para vedar a

parte da Rua de Trajano e restantes entradas que ligam com o Parque da Empresa Termal, às 12 horas do dia 30 do corrente mês, por ocasião da realização da Gincana de Automóveis;

— Fornecer à Brigada do Trabalho Prisional de Guimarães diversos artigos destinados à Cadeia Comarcã;

— Encarregar a Conferência de S. Vicente de Paulo da organização do plano de turnos para a frequência de crianças na Colónia Balnear Infantil da praia do Cabedelo;

— Confirmar a deliberação de 9 de Agosto de 1956, respeitante à demolição de uma ramada que Domingos Fernandes, da freguesia de Conde, construiu em terreno público, concedendo novo prazo até 31 de Outubro do ano corrente para aquele efeito;

— Tomar conhecimento dos agradecimentos manifestados pelas entidades seguintes:

a) Junta de Turismo da Estância Termal das Taipas, pelo subsídio concedido por este município para electrificação do Rinque de Patinagem;

b) Reitor da Universidade do Porto, pelas referências feitas aquela Reitoria e ao Teatro Clássico Universitário do Porto;

c) Director Artístico do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra pelo louvor exarado em acta a propósito da actuação daquele Teatro nas Comemorações Vicentinas e pelas gentilezas com que foi obsequiado aquando da sua presença nesta cidade;

d) Direcção do mesmo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, pela maneira afável e amigável como foram recebidos aquando da sua estadia nesta cidade e ainda pelo voto de louvor exarado à Direcção daquele Organismo e ao seu Director Artístico;

e) Junta de Freguesia de Sande, S. Clemente, pelo subsídio concedido por este município para reparação do fontanário do lugar de Vieira;

— Dar conhecimento à Direcção dos Serviços de Urbanização de Braga da resposta dada pela Fabrica de S. João de Ponte a propósito da obra de pavimentação e beneficiação do caminho de acesso à Igreja daquela localidade;

— Certificar a situação de pobreza do menor Manuel da Silva ou Manuel Gomes da Silva, filho de Ana Gomes da Silva, bem como das pessoas de família com quem vive;

— Certificar também a situação de pobreza de José Ferreira, da freguesia de Lordelo, bem como das pessoas de família a seu cargo;

— Colher propostas para o fornecimento de mobiliário para o gabinete do Sr. Dr. Juiz do 3.º Juízo, do Edifício do Tribunal;

— Colher também propostas para várias obras sanitárias no quarto de banho da residência do professor das Escolas Centrais;

— Aprovar a planta organizada referente aos terrenos pertencentes a Francisco de Matos Chaves e situados no lugar da Senhora da Luz, em Creixomil;

— Conceder licenças para obras a: Joaquim Alves Mendes, Herculano Pinto Maia Silvério, João Martins, João Rodrigues, Manuel da Silva Peixoto, José de Castro Costa e Adelino de Castro Costa, Jaime Ribeiro, João Lopes Alves, Ricardo de Freitas Ribeiro, Domingos de Almeida, Herdeiros de José Evangelista Pereira, Amadeu Pinto da Costa, Narciso Pereira Mendes e D. Rita de Moura Machado;

— Sancionar os despachos do Ex.º Presidente que concederam licenças para obras a: António Alves Martins, Domingos Ribeiro, Frontelina Alves Pimenta de Almeida, Laura Felício Dias da Silva, Domingos Martins Guerra, Eng.º António Pereira Tavares Corte Real, Manuel Pereira Caldas, Francisco da Silva, Abel Machado Faria & C.ª, Ltd.ª, Sílvia Soares Pereira, Francisco Rodrigues Martins, Francisco Pereira Meudes, Albertina Faria e Emília Antunes Saraiva Monteiro;

— Conceder licenças de habitação de harmonia com os respectivos autos de vistoria: a Esperança da Glória Leite Vaz da Costa, José de Oliveira e Damião de Sousa Oliveira;

— Conceder alvará de licenciamento sanitário para o estabelecimento de taberna que Manuel da Silva pretende abrir na Rua de Couros e enviar à Subdelegação de Saúde, a fim de ser efectuada a competente vistoria, o processo de licenciamento sanitário em que é requerente Joaquim de Oliveira para a abertura de uma taberna no Pevidém;

— Adjudicar os trabalhos seguintes:

a) A Sebastião de Freitas a pintura dos bancos dos jardins de Caldelas e do Pevidém;

b) A Jerónimo de Sousa a beneficiação das retretes de Caldelas e do edifício escolar de Sande (São Clemente);

c) A Francisco Coelho a pavimentação em calçada à fiada de um troço da Rua da Liberdade até ao Cruzeiro;

— Autorizar pagamentos no montante de 285.196\$80.

Crónicas para maiores de 50 anos

(Continuação da 3.ª página)

Pois para esses tasquinhos é que se dirigia a festada com acompanhamento de garotada e amadores que ia arrebanhando pelo caminho, cantando e tocando.

Não tenho a pretensão de meter o nariz em assuntos etnográficos e até já há muito que não vejo uma festada e, assim, cito como instrumentos a viola de cordas, repenicada pelo alegríssimo cavaquinho, fazendo fundo com os ferriños e tambor à parte cantante do clarinete e flauta, que lhe davam todo o sainete e colorido musical.

Tudo acompanhava o cantor, de «carquejas» e bigode rapado, em mais fahosa e alegre voz de falsete, a desafiar:

O Manel intê parece incri-i-i-vel Não me dares sestifações

E o acompanhamento, na pausa: Tum tum tum tum tum tum

E continuava o cantor: Ando à tua pres-cu-u-u-ura Pra te dar minhas rezões.

Ora iam a pretexto da rifa de um galo, ou carneiro, que se fazia com o leilão de prendas oferecidas e pedidas.

Ou então para leilão, de festa de freguesia dos arredores, depois do sermão e procissão, em que a comissão e os festeiros contratavam um leiloeiro de fama, boa voz, larracha e pilhéria.

E para isso não havia outro como o Inácio Rijão.

As vezes havia o atractivo da rapaziada — o mastro untado de cebo, tendo lá no alto um bacalhau, maços de cigarros e garrafas de vinho —; este número tão pitoresco é que desapareceu de vez destas festas de aldeia, mas o leilão ainda se faz, contudo sem o mestre dessas funções — o Inácio Rijão.

Já não posso evocar a sua figura expressiva, tostado, olhos pretos, melenas negras, bigode retorcido, alto e magro e desengonçado, braços em permanente agitação a acompanhar o jogo das mãos, as frases que lhe saíam umas atrás das outras naquele jeito de, como se diz, impingir a prenda que tinha nas mãos, cujas mirríficas qualidades não havia iguais no Mundo.

Não há por aí praticista de feira que lhe chegasse aos calcanhares, tão sugestivo era e tanto falava ao sabor da graça popular, que o anúncio de uma rifa do Rijão era o melhor chamariz.

Seria tirar-lhe todo o sabor tentar citar qualquer outra impressão, e creio que só de citá-lo levo ao coração dos meus contemporâneos uns momentos de alegre, conquanto melancólica, recordação.

Jugueiros — Felgueiras, 14 de Junho de 1957. (continua)

A. DE QUADROS FLORES.

A estrada de S. Simão

Recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta:

«Sr. Director do Notícias de Guimarães — Guimarães.

Como o jornal que V.ª superiormente dirige está sempre pronto a atender reclamações justas e de cuja solução depende, quase sempre, o progresso da cidade e do concelho, ouso por intermédio do Notícias de Guimarães chamar a atenção da Ex.ª Câmara para o estado deplorável em que se encontra a estrada municipal de Covas a S. Simão, hoje com grande movimento de veículos de toda a espécie por servir uma zona onde há muita indústria manual de tecidos.

Além da carreira diária de passageiros que serve as populosas freguesias de Urgezes, Polvoreira, Taboado, Aباção e muitas outras, transitam nessa estrada, diariamente, dezenas de veículos por imperiosa necessidade.

Não se deve esquecer também que a referida estrada dá acesso à nossa bela estância da Penha, ao Santuário da Lapinha, sendo por isso de interesse turístico.

Torna-se, portanto, urgente uma reparação total com o alargamento da faixa de rodagem, corte de curvas desnecessárias que ali existem (e são tantas, Santo Deus!...), pois a continuar como está, cheia de covas, o cascalho a descoberto, poeirento, estamos na contingência de ficar privados da carreira de passageiros, porquanto, segundo nos consta, o respectivo concessionário vai pedir a suspensão da mesma à D. G. T. T., alegando que a estrada está intran-sitável.

Evidentemente que, tal como está aquele piso, não pode haver material

Excursão a Lisboa e à Serra da Arrábida

DOS FUNCIONÁRIOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES

Acompanhados pelo Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Guimarães, Sr. Dr. Chaves Alves, um grupo de funcionários daquele estabelecimento administrativo e pessoas de família destes, entre as quais se contavam algumas senhoras, deslocou-se no sábado pretérito a Lisboa para no dia seguinte atravessar o Tejo e dirigir-se a Setúbal e à Serra da Arrábida, local que mais atraía a curiosidade dos excursionistas, pois todos já conheciam a nossa bela capital e outras terras por onde passaram.

Chegada a Lisboa no sábado à noite. Domingo de manhã, efectuou-se a partida para Setúbal. A manhã apareceu coberta de bruma que se foi dissipando pouco a pouco e de tarde o céu tornou-se azul, límpido, diáfano. Almoço em Setúbal, a graciosa e adorável Setúbal, das praias maravilhosas que tem a valorizá-la as casas magníficas e apalaçadas e sua gente boa — gente trabalhadora: mareantes e pescadores, de olhos de souho e espírito inquieto que o mar enfeitiza. Torrações de fruta deliciosa, que as raparigas morenas, de olhos negros, capitosas, oferecem à venda em caixinhas vistosas.

Terminado o repasto, a caravana toma o rumo da Serra da Arrábida, um dos mais belos fragmentos da terra portuguesa. Junto à praia há uma gruta conhecida pela Lapa de Santa Margarida, uma das curiosidades mais notáveis do País.

O autocarro contorna a Serra e os excursionistas têm a oportunidade de observar, lá do alto, o panorama imponente e grandioso que se desdobra sobre a foz do buélico e encantador Rio Sado e a Ilha de Tróia — um vasto areal todo de oiro.

As águas do Rio, dum azul celestes e os horizontes largos, os recantos e a quietude das águas que formam a bacia magnífica, o ar iodado e forte vindo do mar, ora impregnado dos perfumes e resinas dos pinhais — ar seco e oxigenado, que dá vida e saúde — ar da serra, purificante.

Foi chegada a noite. Os excursionistas espalham-se pela cidade e vão descansar para no dia seguinte iniciarem a viagem de regresso a Guimarães, onde chegaram na madrugada de terça-feira, depois deste longo passeio que teve por finalidade conhecer paisagens estranhas à nossa sensibilidade, um mundo diferente que facilmente nos empolgou e seduziu e que valeu bem o sacrifício da longa e penosa caminhada, em tão curto espaço de tempo.

Foi um passeio lindíssimo que ficará gravado indelévelmente na memória de todos os que nele tomaram parte.

Serviu, ao mesmo tempo, para estreitar mais os laços de camaradagem entre superiores, colegas e amigos.

A beira-mar a Serra debruça-se sobre as águas cristalinas, abruptamente e em ondulações graciosas. É um torrão abençoado, de magníficos encantos, indescritível.

Ao longo da Serra observam-se vales de verdura luxuriante e searas douradas, bairros de casas típicas entre frondosas oliveiras.

As 16,30 horas o motorista, experimentalmente e seguro, inicia a descida da Serra e a breve espaço de tempo eis-nos em Vila Nova de Azeitão. O Sr. Dr. Armando de Faria faz alguns clichés. Há quem dê largas ao coração, inspirado nas paisagens maravilhosas que a nossa vista contempla a cada momento naquelas paragens paradisíacas.

Novamente em marcha, com destino a Cacilhas, ponto de partida para esta jornada inolvidável. O sol principia a sumir-se, ao longe, nas vagas numerosas. Em Cacilhas efectuou-se a passagem da caravana através do rio Tejo onde se avista a nossa liuda e donairoso capital, uma das mais belas cidades da Europa. Desde S. Vicente de Fora até à Torre de Belém a cidade oferece o aspecto dum grande e extenso jardim de flores que seduz e encanta.

Foi chegada a noite. Os excursionistas espalham-se pela cidade e vão descansar para no dia seguinte iniciarem a viagem de regresso a Guimarães, onde chegaram na madrugada de terça-feira, depois deste longo passeio que teve por finalidade conhecer paisagens estranhas à nossa sensibilidade, um mundo diferente que facilmente nos empolgou e seduziu e que valeu bem o sacrifício da longa e penosa caminhada, em tão curto espaço de tempo.

Foi um passeio lindíssimo que ficará gravado indelévelmente na memória de todos os que nele tomaram parte.

Serviu, ao mesmo tempo, para estreitar mais os laços de camaradagem entre superiores, colegas e amigos.

ISAC GONÇALVES.

O primeiro Grande Festival Folclórico Nacional da Meadela

Acaba de chegar-nos às mãos o programa definitivo das Festas da Meadela, a realizar em 6 e 7 de Julho próximo.

Mais uma festa caracteristicamente vianesa, mais um empreendimento da localidade que, no Norte, soube, de há muito, marcar posição de destaque na elevação do Folclore Nacional.

Esta freguesia, das mais típicas da região de Viana, dista da cidade, na estrada para Ponte do Lima, dois quilómetros apenas.

Ali se tem conservado na sua pureza de origem esse maravilhoso traje à vianesa — orgulho de seus naturais, encanto dos visitantes.

As festas que se levam a efeito são o despertar de alguns anos de incompreensível apatia e mereceram o apoio sincero de quantos se habituaram a ver na Meadela um dos mais vincados motivos de orgulho dos vianenses.

O programa em causa denuncia determinado cuidado posto na escolha dos números de que se compõe, mormente na parte correspondente ao festival de 7 de Julho.

A Comissão chamou a si a colaboração do Rancho Regional das Lavadeiras da Meadela e, fazendo-o, bem demonstrou o carinho que dis-

que resistia e para ali estariam bem os carros de assalto...

Muito se tem escrito a favor de tão necessária reparação, já se têm feito diversas marcações para um novo traçado da estrada pelos Serviços Técnicos da Câmara, marcações essas que já há muito apoiaram, mas nada resultou até agora, continuando, por isso, a estrada cada vez pior.

Antes que a carreira seja suspensa, o que a verificar-se seria lamentável e traria prejuízos incalculáveis para as populações servidas pela mesma, é de toda a conveniência que a Ex.ª Câmara procure resolver este assunto sem demora, o que aliás é de inteira justiça.

Confiamos, pois, no dinamismo já sobejamente comprovado do seu mui digno Presidente e S. Ex.ª ficará com a certeza de ter prestado mais um valioso benefício ao concelho, a juntar a tantos outros.

Agradecendo desde já a publicação desta carta, peço desculpa, Sr. Director, do espaço tomado e, entretanto, subscrevo-me com os protestos da mais alta consideração. De V.ª, Mt.ª Att.ª Ven.ª e Obgd.ª,

a) Damião Leite Simões. Taboado, 14 de Junho de 1957.

pena ao típico agrupamento que há perto de vinte anos tão alto levantou o nome da freguesia nas competições em que tomou parte. Na verdade, em 1936, o Rancho fazia a sua primeira exibição no Porto, no Estádio do Lima, e, entre vinte e um Ranchos, dos mais diversos pontos do País, arrancou o primeiro lugar, ponto de partida para tantas actuações a que foi chamado.

O seu valor impôs-se por forma notável e até os realizadores cinematográficos se deixaram impressionar, como sucedeu com a filmagem da «Rosa do Adro», cativando-se daquela graça que os cantares e bailados da Meadela possuem e ainda hoje conservam aquele sabor de antanho, base das manifestações folclóricas, vestidas da seriedade que uma tal ciência exige.

Por mérito próprio, o Rancho da Meadela ascendeu ao mais alto lugar e suscitando espanto, incitando as freguesias vizinhas, pelo exemplo, em breve pôde originar a criação de novos agrupamentos, mais tarde guiados a situações de destaque, para satisfação dos que arrancaram nas primeiras horas.

Nesse Festival de Julho, que se avizinha, toda a freguesia da Meadela viverá no sorriso aberto das suas raparigas, e estas, dançando como só elas sabem, dirão da formosura das suas tradições, e do carinho cuidado posto na conservação dos seus usos.

A Meadela, ao incluir entre os grupos regionais que tomarão parte no Festival de Julho, a Festada de Guimarães, voltou a afirmar o seu bom gosto e a denunciar a delicadeza com que distingue.

Efectivamente a Festada é, sem sombra de dúvida, dos agrupamentos minhotos de maior interesse num certame de tal categoria.

Alheia a teatralidades, a carpintarias de cena, a ridículos arranjos deformantes e condenáveis, vem para o Festival com a sua figura enorme, o seu nome bem marcado no primeiro plano do folclore português.

A Festada de Guimarães, na Meadela, encontrará o cenário apropriado à sua exibição e a Meadela tem na Festada de Guimarães uma das melhores jóias a expor no Festival de Julho.

O RECITAL TROVAS POPULARES

de Tomás de Lima

Retardado

No Salão de Festas do Teatro Jordão, realizou-se no passado dia 19, o anunciado Festival do distinto pianista e musicólogo Prof. Eurico Tomás de Lima.

Em qualquer outra terra onde as coisas do espírito ainda têm certa primazia, este acontecimento musical rodear-se-ia do interesse próprio de quem aprecia o valor dos nossos já hoje tão raros Artistas.

Tomás de Lima, por que tem contribuído por elevar o nível cultural da nossa gente, pois nem só de *bola* vive o homem, é credor da nossa admiração e da nossa simpatia.

É um Artista que vive a sua Arte e partilha com os outros, com os seus alunos, as suas extraordinárias qualidades de musicógrafo.

Como exemplo, quis Tomás de Lima que tomasse parte no seu Recital uma aluna com méritos e qualidades que a impõem: a vimaranense Maria José de Almeida Freitas.

Este gesto tão simpático do ilustre Professor merecia da nossa gente o correspondente agradecimento, se a gratidão, entre nós, não fosse uma palavra vã.

Aquela fidalguia que, noutros tempos, tanto enobreceu a nossa cidade, desapareceu, infelizmente, para ser substituída pela grosseria *novoriquista* que tudo pretende nivelar pela sua analfabética craveira.

Tristes sinais dos tempos, contra os quais nos compete reagir desembarçadamente.

O programa foi criteriosamente elaborado. Na 1.ª parte, o *Carnaval* — op. 9 — de Schumann. Não houve propósito do Artista ao incluir no programa. Mas sendo o *Carnaval* o protesto viril de Schumann contra os *Filisteus* da música daquele tempo, a sua execução na nossa terra constituiu, também, como que um indignado clamor contra os *Filisteus* materialistas da nossa época, chapadamente arlequinescos.

Na 2.ª parte, com a colaboração de Maria José de Almeida Freitas, ouvimos a *Marcha turca*, de Mozart; o *Rondó*, de Clementi; a *Valsa eslava*, de Widor, e *Vozes da Primavera*, de Strauss. Tomás de Lima apresentou-nos com um *Samba* e uma *Marcha*, da sua autoria, mancha colorida da música moderna entre os fulgores deslumbrantes da música clássica.

Boa noite de Arte, infelizmente desperdiçada.

Parabéns a Tomás de Lima pela nobreza da sua atitude e a Maria José, pelo mérito que revelou junto do seu distinto Professor.

V. F.

Eurico Thomaz de Lima,

vai apresentar, no Porto, o seu

Curso de Piano, de Guimarães

Há doze anos, que o eminente Mestre Eurico Thomaz de Lima, organizou em Guimarães, um Curso de Piano, indo ao encontro do interesse local, que jovens pianistas manifestaram, (entre os quais, se contavam três professoras diplomadas), em trabalharem sob a sua orientação pedagógica.

Assim, com entusiasmo, assiduidade, devotamento e seriedade de trabalho, qualidades a louvarem-se em Eurico Thomaz de Lima, que pelo seu carácter e prestígio artístico do seu nome, de valor incontestável, conquistou o direito ao respeito dos seus compatriotas, vai, Eurico Thomaz de Lima, apresentar, pela primeira vez, no Salão Nobre do Clube Fenianos Portuenses, na noite de 4 de Julho próximo, em audição colectiva, alguns dos seus alunos que frequentam o Curso de Guimarães, que se exhibirão, em ambiente festivo de camaradagem e de simpático movimento musical inter-cidades, com os discípulos, do seu Curso do Porto.

Novo Professor

Nomeado por Portaria do Ministério da Educação Nacional, acaba de tomar posse do lugar de professor adjunto do 5.º grupo (Desenho) da nossa Escola Técnica, ficando assim a pertencer ao quadro docente deste estabelecimento de ensino, o nosso prezado conterrâneo e amigo prof. sr. Joaquim Teixeira.

Trata-se do primeiro professor habilitado com Exame de Estado que no seu grupo presta serviço nesta Escola, habilitação esta que compreende além do curso da sua especialidade, um estágio de dois anos e uma especialização em Ciências Pedagógicas.

Felicitemos aquele nosso prezado amigo e distinto Colaborador.

RUA DA LIBERDADE

Os desejos de, há muito manifestados dos moradores da Rua da Liberdade vão ter, finalmente, satisfação, visto que a Câmara Municipal mandou proceder à pavimentação da rua, a paralelos, até ao padrão existente no lugar denominado Cruz de Pedra.

Por ALEX.

Ao S. João

São João tem o seu dia, O mesmo do nosso amor... Não há maior alegria, Louvado seja o Senhor!

Tens d'um cravo a frescura Em noite de São João, E da Virgem a ternura Que me cega de paixão!

Andei no mar à deriva, — Fiz preces a São João. Devo-lhe os anos que viva, E tu, o meu coração.

Foi ao subir d'um balão Que um beijo te roubei; Testemunha: — a sensação! Tu coraste... e eu gostei.

A roda da tua saia, Não sei que segredo tem!... Já nesse bailar que ensaia, Faz tentação a alguém!

A bailar sob o fustão Fingiste que me não vias! Mas por entre a multidão, Spreitavas-me e sorrias...

Roubei-lhe um beijo na rusga, São João quer desafronta!... — Põe na minha a tua boca, E tens a desforra pronta...

Sózinho d'amores no mundo, A São João eu orei; — Após um sonhar profundo, Logo ao pé de ti me achei!

Ao S. Pedro

Deixas-me ir a teu lado? São Pedro não o detesta. — Um par mais será contado, Lá no terreiro da festa.

O cravo que leva ao peito, Não o deixe machucar... São Pedro quere-os com jeito, No vaivém do seu altar.

No mundo abandonado, A São Pedro recorer: — Uma porta abriu ao lado, Vi-me logo ao pé de ti!...

A quem eu queria tanto, Não me abria o coração!... — Mas São Pedro — Grande Santo(!), Depos-me as chaves na mão.

Ignorância ou quê?

Um nosso velho amigo, o muito querido engenheiro Mário de Figueiredo Carneiro da Silva, escreve-nos a seguinte carta que merece o nosso inteiro aplauso:

lisboa, 19-6-57.

Meu querido Amigo:

Acabo de receber o espécime, que tomo a liberdade de lhe enviar juntamente, de uma obra intitulada «Dicionário Enciclopédico de Datas», a qual, conforme o n.º 4.º do respectivo Plano, «virá a tomar lugar ao lado das melhores obras de consulta mundiais».

Pelo que consta da página 9 deste espécime e no que se refere a PORTUGAL, fica-se a saber que Guimarães não é uma das «Principais cidades» deste país.

Porque também no mesmo n.º 4.º do referido Plano se lê: «que se trata de uma publicação única no seu género em todo o mundo», fico na dúvida se está desactualizado o que aprendi na Escola da Dona Estefânia — já lá vão 35 anos... — ou se esta obra é de facto única no género da asneira em todo o mundo.

Será possível, meu querido Amigo, este esclarecimento no «Notícias de Guimarães»?

Com um grande abraço, creia-me sempre velho amigo dedicado e admirador,

M. Carneiro da Silva.

O nosso Mário Carneiro da Silva, chamando a nossa atenção para tão indesculpável omissão, prestou um serviço a Guimarães e deu uma admirável prova do quanto quer à sua Terra. Por isso lhe agradecemos a sua carta, que teve ainda o condão de avivar uma amizade que nasceu nos bancos da escola e que nos é muito grata ao coração.

Solidarizamo-nos com o legítimo reparo do excelente Amigo e aqui deixamos o nosso protesto de vimaranenses.

Não será cidade das principais, aquela onde a Pátria nasceu?

Ignorância absoluta ou quê?

Nomeação de Agente

Foi nomeado Agente oficial nesta cidade dos rolamentos F.A.G. o nosso prezado amigo sr. António José Trindade, a quem felicitamos, agradecendo os cumprimentos que teve a amabilidade de nos apresentar.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 2 de Julho, os nossos bons amigos srs. Alexandre da Costa Rodrigues e Júlio Fernandes Martins; no dia 4, a sr.ª D. Maria Alberta de Carvalho Melo e o sr. Manuel Maria Flores de Magalhães; no dia 5, a sr.ª D. Emília de Lourdes Pinheiro Machado Dias, esposa do sr. Zeferino de Melo Dias, residente no Porto; as interessantes meninas Maria Emilia Soutoalha Mota Prego de Faria, filha da sr.ª D. Maria da Glória Soutoalha de Faria e do sr. dr. João Alberto da Mota Prego de Faria, e Laura Maria, filha do nosso bom amigo sr. Pedro Nunes de Freitas e de sua esposa, residentes em Vila do Conde, e o nosso bom amigo sr. Abílio de Carvalho Melo; no dia 6, a menina Maria Albertina de Carvalho Melo, o sr. Júlio Ribeiro da Silva, sogro do sr. Amadeu Soares Portilha, e o nosso amigo sr. Carlos da Silva Bastos, e no dia 7, o nosso prezado amigo sr. Capitão Manuel de Jesus Rebelo da Cruz, residente em Viana do Castelo.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Casamento

Na residência dos pais da noiva, nesta cidade, no Largo do Toural e em capela privativa, realizou-se ontem ao meio dia e com grande pompa, o casamento da senhora D. Maria das Dores Viamonte da Silveira Figueira de Sousa, gentil filha da senhora D. Ana de Almeida Viamonte da Silveira Figueira de Sousa e do sr. José Figueira de Sousa, com o sr. Manuel Nunes da Ponte e Sousa Guedes, filho da senhora D. Maria Florinda Soares de Albergaria Nunes da Ponte e Sousa Guedes e do sr. José Maria de Castro e Sousa Guedes, da Foz do Douro, tendo presidido ao religioso acto o rev. Prior de S. Paio, P.º Luís Gonzaga da Fonseca, que aos noivos dirigiu, na altura própria, uma paternal alocação.

Por parte da noiva testemunharam o acto, seus pais, e por parte do noivo, sua mãe e um irmão.

Após a cerimónia foi servido um primoroso Copo d'água a muitas dezenas de convidados, decorrendo a festa com muita alegria.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Baptizados

No dia 16 e na paróquia de S. Paio, foi baptizado o menino Luís Filipe de Faria Fragoso, filho da sr.ª D. Rosa Maria Rodrigues de Faria e do sr. Eng.º José Rei Gomes Fragoso, neto materno da sr.ª D. Ana Isabel Pinto Rodrigues de Faria e do sr. dr. Artur Ribeiro de Faria, e paterno da sr.ª D. Clara Ferreira Rei Fragoso e do sr. António Gomes Nunes Fragoso.

A criança nasceu em Oeiras, na residência de seus pais, mas foi baptizada nesta cidade, com a licença do Ex.º Cardeal Patriarca de Lisboa.

Foram padrinhos seu irmão Rui Faria Lelis e a sr.ª D. Emília da Piedade Campos Lima, de Gondomar, Guimarães.

Partidas e chegadas

De Vidago, com sua família, regressou a Joane, Famacão, o nosso prezado amigo sr. Comendador Manuel Ferreira Barbosa.

Encontram-se a veranejar na Póvoa de Varzim, com suas famílias, os nossos prezados amigos srs. José Luís Pires e Gil Mesquita Vieira de Andrade.

Regressou de Barcelona o nosso prezado amigo sr. Albano M. Coelho de Lima.

Com sua esposa esteve nesta cidade, há dias, o nosso querido amigo sr. Comendador Alfredo da Silva Peixoto.

Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

Deu-nos o prazer de sua visita, acompanhada de sua gentil filha *mademoiselle* Maria Jacinta, a sr.ª D. Filomena Castelo Branco Vilaça, residente em Santo Tirso.

Com suas esposas regressaram de Madrid, os nossos prezados amigos srs. dr. Mariano Felgueiras e Fernando de Cintra Penafort.

Encontram-se a veranejar na Póvoa de Varzim, as famílias dos nossos prezados amigos srs. Manuel Pereira Mendes e Sidónio da Silva.

Partiu para o Gerez o nosso prezado amigo sr. Manuel Pereira Mendes.

Cumprimentamos nesta cidade o nosso querido amigo e ilustre Professor-Compositor, sr. Eurico Thomaz de Lima.

Deu-nos há dias o prazer de sua visita o nosso querido amigo rev. dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda.

Partiu para a Póvoa de Varzim, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Angelo de Sousa e Silva Madureira, gerente do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa nesta cidade.

Partiu para Leça da Palmeira a família do nosso prezado amigo sr. João Almeida Garcia.

Com sua família partiu de Vilarinho para a Póvoa de Varzim, o nosso bom amigo sr. Armando Moreira Gomes.

Tendo regressado de Goa, onde prestou serviço militar, deu-nos o prazer de sua visita o nosso conterrâneo e amigo sr. António de Freitas Costa, 1.º Cabo Mecânico.

Doentes

Continua a melhorar sensivelmente dos seus incómodos o nosso prezado amigo sr. Laurentino Ribeiro Teixeira.

Também vai melhorando dos seus padecimentos o nosso bom amigo sr. Tenente Alberto Carvalho de Melo.

Regressou, em convalescença, a sua casa, o nosso prezado amigo sr. Tenente Pedro Machado.

Da Ordem da Trindade, do Porto, onde esteve internada, por ter sido submetida a melindrosa intervenção cirúrgica, regressou a sua casa nesta cidade, a sr.ª D. Rosa Ferreira de Oliveira, esposa do nosso prezado amigo sr. João de Oliveira, conceituado comerciante local.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

João Martins

Agradecimento e missa do 30.º dia

Na sua residência à rua da Arcela faleceu, no dia 6 do corrente, o sr. João Martins, empregado da firma Freitas & Carvalho, desta cidade. Contava apenas 23 anos de idade e era filho do sr. José Martins e da sr.ª D. Francisca Rosa Machado, e irmão das sr.ªs D. Antónia Martins e D. Conceição Benedita Rosa Martins.



No próximo dia 5 de Julho, será rezada missa por sua alma, em comemoração do 30.º dia do triste acontecimento, na igreja de Santo António dos Capuchos, às 7,45 horas.

A família do saudoso finado vem por este único meio agradecer, reconhecidamente, a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e a honraram com a sua presença nas homenagens à memória do seu querido morto, manifestando do mesmo modo a sua gratidão a quantos se dignem assistir ao piedoso acto no 30.º dia do seu passamento.

Guimarães, 29 de Junho de 1957.

D. Teresa Salgado Ribeiro

Covas, 26 — Confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja, e após longo sofrimento, faleceu a sr.ª D. Teresa Salgado Ribeiro, viúva, proprietária, de 75 anos, mãe das sr.ªs D. Ana, D. Camila e D. Maria Salgado, e dos srs. José, João e Domingos Monteiro Ribeiro; sogra das sr.ªs D. Maria de Oliveira Ribeiro, D. Antónia da Silva e D. Adalina Mendes, e dos srs. Guilherme Fernandes Abreu, António Lima e Joaquim de Lemos Branco.

O seu funeral efectou-se hoje, para o cemitério de Polvoreira.

Os nossos pésames à família dorida. — C.

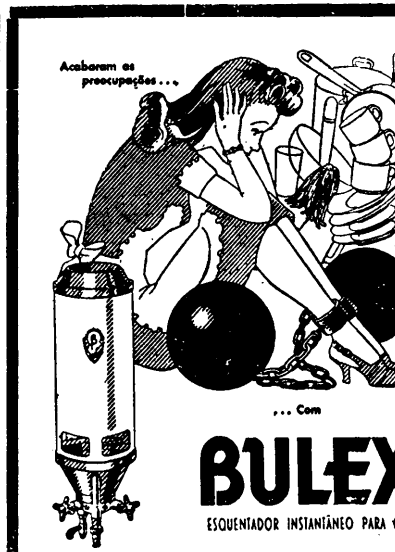
Dr. José Rebelo Barbosa

Faleceu no dia 4 do corrente, na sua residência em Vilarinho, Santo Tirso, o sr. dr. José Rebelo Barbosa, licenciado em Direito e abastado proprietário, que contava 94 anos de idade e possuía largos meios de fortuna, tendo, em vida, praticado a caridade em grande escala.

Por sua expressa determinação o funeral efectou-se com a maior simplicidade possível, sem qualquer acompanhamento e sem que fosse tornada conhecida a notícia da sua morte e do seu funeral.

As suas disposições testamentárias ainda não foram tornadas conhecidas, mas espera-se que o extinto tenha contemplado com avultados donativos, diversas instituições beneficentes que em vida tanto carinho lhe mereceram.

O sr. dr. José Rebelo Barbosa era tio da esposa do nosso prezado amigo sr. António Augusto Alves Monteiro, a quem, assim como à restante família, apresentamos as nossas condolências.



BULEX
ESQUEMADOR INSTANTÂNEO PARA GÁS

Vendemos com facilidades de pagamento. Faça V. Ex.ª uma troca de impressões com os Agentes Exclusivos no Concelho: **Reinaldo & Guise, L.ª** Rua D. João I, 15-B Telefone 4402 p. f. GUIMARÃES

Agora que o Gazcidla baixou de preço, resolva-se V. Ex.ª a adquirir para a sua casa um esquentador Bulex, de procedência Belga, o qual pode ser colocado em qualquer sítio, como: Consultórios médicos e dentários, cabeleireiros, cozinhas, casas de banho, etc., etc.

Com estes extraordinários aparelhos, damos-lhe água quente em 30 SEGUNDOS.

Vida Católica 20 ARAUTOS

de D. Afonso Henriques

Primeira Comunhão

No passado dia 16, e na igreja paroquial de S. Paio, fez a sua primeira comunhão o menino Carlos Pimenta Martins Fernandes, filho do nosso prezado amigo sr. Francisco Ramos Martins Fernandes e de sua esposa a sr.ª D. Maria Zulma da Costa Paiva Lopes Pimenta Fernandes, tendo sido celebrante o rev. Prior P.º Luís Gonzaga da Fonseca, que na altura própria dirigiu ao neo-comungante uma formosa alocação.

Assistiram ao acto os pais e outras pessoas de família.

Nossa Senhora do Carmo

No dia 7 de Julho, principia no templo da V. O. T. do Carmo, pelas 19 horas, a novena que precede a festa em honra da Padroeira.

Reunião dos Irmãos Terceiros

Realiza-se hoje, no templo da V. O. T. de S. Francisco, a reunião dos Irmãos Terceiros, constando de manhã, missa e comunhão geral e, de tarde, exposição, conferência por um distinto orador franciscano, coroa seráfica, absolvição e Bênção do Santíssimo.

Devoção das Primeiras Sextas-Feiras

Na próxima sexta-feira, dia 5, (primeira do mês) terá lugar nas Igrejas Paroquiais, esta devoção em honra do S. C. de Jesus, às horas habituais, e no Santuário de N.ª S.ª do Perpétuo Socorro, haverá pelas 6,30, missa vespertina, consagração, ladainha e Bênção do Santíssimo.

Santíssimo Sacramento de S. Paio

A Confraria do SS.º Sacramento, de S. Paio, festeja hoje o seu Padroeiro, pelas 8 horas, com missa cantada e exposição do SS.º Sacramento.

Notícias de Guimarães n.º 1931-30-6-1957

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Por este se anuncia que pelo 2.º Juízo de Direito desta comarca, segunda secção e nos autos de execução sumária que ARTUR DA CUNHA OLIVEIRA, solteiro, maior, industrial, do lugar da Barrenta, freguesia de Moreira de Cónegos, desta comarca, move contra FORTUNATO PEREIRA DA CUNHA, viúvo, industrial, do lugar da Nora, freguesia de Polvoreira, desta comarca, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado para, no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, deduzirem os seus direitos na aludida execução.

Guimarães, 27 de Junho de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção,

António de Castro Pereira.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

de 2.º Juízo, 310

Francisco Mendes Barata dos Santos

Este Grupo recreativo vimaranense promoveu, no dia 20, uma romagem à Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, para evocar a nobre figura do Padre Américo, recordando o 1.º aniversário, que está prestes a passar, do seu falecimento. Ali deixaram os componentes do referido Grupo uma pedra para a obra do grande Apóstolo, com expressiva legenda numa placa nela colocada, e um donativo.

O mesmo Grupo realizou na sua sede, na noite de S. João, um interessante festival em que colaborou, com muito brilho, o *Rancho Folclórico de Vizela*, sendo muito apreciado e aplaudido.

Festejos Populares

ao S. João e S. Pedro

Em alguns pontos da cidade, nomeadamente no Largo da Condessa do Juncal e na Rua de D. João I, e no Bairro de S. Roque, realizaram-se animados festejos ao S. João, na noite do dia 23 e no dia 24.

Também houve festejos ao S. Pedro, na Praça de S. Tiago e no lugar da Corredoura, em S. Torcato.

O povo juntou-se e divertiu-se, tendo havido iluminações e fogo, música e descantes populares.

Teatro Jordão

APRESENTA

— NOVA, N.º 15 E N.º 21, 30 HORAS —

VISTA VISION

A DESAPARECIDA

com John Wayne, Vera Miles e Jeffrey Hunter

Um filme prodigioso de cor e movimento (Espectáculo para maiores de 12 anos)

TERÇA-FEIRA, 2.ª N.º 21, 30 HORAS

TEU PARA SEMPRE

com Liberace, Joane Dry e Dorothy Malone

A história do mais famoso pianista da América

(Espectáculo para maiores de 12 anos)

QUINTA-FEIRA, 4.ª N.º 21, 30 HORAS

JUVENTUDE EM PERIGO

com James Whitmore e Sal Mineo

Mais cruel que «Sementes de Violência» Mais humano que «Fúria de Viver»

(Espectáculo para maiores de 7 anos)

SÁBADO, 6.ª N.º 21, 30 HORAS

MAGIA DO ORIENTE

com Paul Henreid e Patricia Medina

Maravilhoso filme de acção em Technicolor

311 Espectáculo para maiores de 12 anos

FAUSTO ARAUJO

Médico Especialista

DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas:

2.ª, 4.ª e 6.ª, das 10 às 12 horas;

3.ª, 5.ª e sábados, das 10 às 12 e das 16 às 18 h.

R. de Santo António, 15-1.º

Telef. 4175

GUIMARÃES 214

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia da Praça,

à Rua de Paio Galvão, Telef. 40407.

DESPORTO

As contrariedades e os revezes são o estímulo dos fortes

Por Fernando Vaz.

Dentro de breves meses inicia-se o terceiro ano de permanência do Vitória Sport Clube na II Divisão do Campeonato Nacional.

Todos os vimezanenses conhecem bem, por experiência própria, o clima e as peculiaridades da competição a que vão ser novamente chamados os atletas que representam a sua terra — berço, orgulho e honra da Pátria.

As características e a natureza da prova implicam e exigem de todos, dirigentes, técnicos, jogadores e associados, enormes sacrifícios; resistência nos esforços a dispendir, sem quebras nem renúncias; dedicação permanente e firme; espírito de luta e generosidade de acção; honestidade de processos e de esforços; e, sobretudo, a indispensável unidade clubista, substrato da vida e da própria dignidade do Clube.

A tarefa é árdua, evitada de dificuldades, ingrata e contingente. Todos vamos ser poucos para a cumprir e levar a cabo, mas o cometimento merece inofensível importância por nele estar implícito um legítimo direito da urbe vimezanense, a que poderemos, mesmo, chamar com propriedade uma questão de brio e honra da Cidade.

Na realidade, o verdadeiro lugar do Vitória Sport Clube é entre os maiores do futebol nacional, na I Divisão.

Assim o exige e determina o passado glorioso do Clube, cujo historial não poderá jamais terminar no modesto lugar que hoje ocupa. Não faltam ao Vitória os dirigentes dedicados e de nível à altura do empreendimento; o quadro dos seus jogadores possui capacidade e valor suficientes para guindar o Clube à posição a que tem jus; não falta sequer o entusiasmo e a dedicação da massa associativa.

Apenas o destino tem caprichado em pôr à prova as qualidades e sentimentos que exornam a personalidade dos desportistas vimezanenses, numa teimosa sucessão de contrariedades, como que a medir o carácter e a tempera daqueles que têm vertido no campo da luta o melhor do seu esforço e generosidade em prol do Vitória.

Mas é nos revezes que os fortes encontram o estímulo para a luta, sem a qual os triunfos são impossíveis e insignificantes.

Porque conheço bem a dignidade profissional dos atletas do Vitória, tenho os mais fortes motivos para confiar no seu comportamento através da longa caminhada que com eles vamos percorrer.

Não poderá haver negligência no trabalho a realizar, acomodação ou renúncia nos sacrifícios que nos vão ser exigidos, quebras de disciplina ou de respeito pela camisola que é o Clube da Terra que representamos, falhas de deveres que impendem sobre todos nós.

Eis em traços breves uma análise introspectiva do «problema de todos nós» no qual se consubstanciam todos os anseios e esperanças dos desportistas da velha e gloriosa Cidade que foi o berço da nossa nacionalidade.

Observada do ponto de vista estritamente social, em que se definem os interesses do agregado vimezanense, a posição do Vitória é incompatível com o prestígio e as tradições da Cidade. Não pela sùmula de proventos pecuniários que dela se auferem, mas tão somente pela importância e prestígio da posição que se ocupa na escala de valores do agregado desportivo nacional, em que se reflectem os múltiplos problemas e interesses da urbe.

No extraordinário poder de aglutinação do Desporto, nomeadamente do futebol, têm os Clubes, que afinal são os lídimos representantes das cidades, a oportunidade de revelarem com a sua presença entre os «maiores», a sua disciplina interior, o seu poder de organização, a sua capacidade de trabalho, os progressos resultantes das suas múltiplas actividades, além de disporem, ainda, do meio ideal de tornarem conhecidas as belezas naturais das suas regiões e dos seus monumentos em que se perpetua a sua própria história.

Por tudo isso, o Vitória Sport Clube tem de lutar para ascender de novo à I Divisão do Campeonato Nacional.

As duas últimas épocas foram de labor inglório mas, a sobrelevar as contingências dos esforços dispendidos e a generosidade vertida sem limitações na luta que se travou, ficou a consciência do dever cumprido.

Assim permaneçam intactas: a fé que derruba montanhas; o entusiasmo que estimula e incita; a serenidade que propicia o trabalho calmo e reflectido; e a consciência do valor que o Vitória possui sem margem para contestações.

Missão altamente honrosa para nós, prometemos pôr nela o melhor do nosso esforço e da nossa dedicação, e a certeza da amizade e admiração que nutrimos pela gente vimezanense.

Na 1.ª mão da final da «Taça Eng. Cruz e Silva» o Vitória e o Ulanense empataram a 2-2

No passado domingo, o Vitória deslocou-se a Viana do Castelo, onde defrontou o Ulanense para a «Taça Eng. Cruz e Silva», no primeiro jogo decisivo da mesma.

Os vimezanenses iniciaram o encontro muito bem, chegando a usufruir a vantagem de 2-0. Porém, depois lesionou-se Silveira e a equipa de Guimarães ficou reduzida a dez unidades, tendo ainda de alterar a sua composição.

Assim, com este resultado, o Vitória encaminha-se para o triunfo final do torneio de homenagem ao antigo Presidente da Associação de Futebol de Braga, que bem justa é na sua finalidade, pois foi um dirigente com a linha de conduta que pode servir de exemplo a todos aqueles que andam na direcção do futebol regional com boas intenções.

O último encontro deste torneio, isto no caso de não haver novo empate, realiza-se hoje, no Campo da Amorosa, pelas 10 horas, e deve constituir um encontro agradável, quer por se tratar dum jogo que decide em definitivo a posse do troféu, quer ainda por constituir o último encontro a realizar na presente época no nosso Campo de Jogos.

Hoquei em Patins

O Vitória venceu por 9-1 e 11-2, respectivamente, o Académico e o Taipas na 2.ª e 3.ª jornada do Campeonato do Minho.

O Campeonato do Minho desta modalidade teve mais duas jornadas, disputadas no pretérito sábado e na passada quarta-feira. Os seus resultados gerais foram os seguintes:

2.ª jornada — Vitória, 9-Académico, 1; Tebe, 3-Vianense, 3; Taipas, 3-O. Barcelos, 4; e Barcelinhos, 3-Famalicense, 3.

3.ª jornada — Vitória, 11-Taipas, 2; Tebe, 4-O. Barcelos, 2; Vianense, 8-Famalicense, 3; e Barcelinhos, 7-Académico, 3.

A equipa do Vitória, que ainda não jogou fora do seu Rink, obteve mais dois amplos triunfos, testemunho evidente da sua superior capacidade em relação aos adversários que defrontou.

No encontro da 2.ª jornada, onde o público foi escasso, devido ao tempo chuvoso que fez, os vimezanenses patentearam boa ordenação no seu jogo, embora este não tenha atingido um brilhantismo excepcional em virtude das más condições do rink molhado.

Porém no jogo da última quarta-feira, correspondente à 3.ª jornada, a exibição dos vimezanenses foi deveras excepcional, possivelmente a melhor da presente época. A equipa jogou como um todo, com boa ligação entre todos os seus elementos, que manobram no rink perante o entusiasmo dos adeptos locais. Cunha Gonçalves evidentemente que se destacou dos seus colegas de equipa, mas desta vez o seu mérito veio ainda mais ao de cima, porque não quis realizar por si só aquilo que é dever de toda a equipa.

Neste encontro merece um aceno de simpatia o comportamento da equipa do Taipas, que vendo avolumar-se o resultado contra si, nunca aparentou qualquer atitude de menos desportivismo, dando assim real prova de que sabe lutar e perder com verdadeira dignidade.

Depois destes resultados que assinalamos, o Vitória comanda a classificação do Campeonato Minhoto, seguida da equipa do Vianense. Porém as dificuldades vão começar de agora em diante, com as deslocacões que se têm de fazer e defrontando os adversários que, pelo menos em teoria, se apresentam como mais fortes. Por isso é preciso que a equipa continue a demonstrar aquele conjunto de que já evidenciou possibilidades e que os adeptos dela a acompanhem e a

amparem com o seu incitamento, de modo a ela caminhar na prova dentro dos auspícios que os primeiros jogos lhe prometem.

A 4.ª jornada realizou-se ontem, tendo-se o Vitória deslocado a Barcelos, onde defrontou a Tebe. A este jogo nos referiremos no nosso próximo número.

O Campeonato prossegue, na próxima quarta-feira, com a sua 5.ª jornada, jogando, no Rink da Amorosa, a equipa do Famalicense, actual campeão regional. É um encontro do mais alto interesse e, portanto, despertador do maior entusiasmo. Dado o que aconteceu recentemente no Rink de Famalicense, facto a que aqui fizemos a devida referência, chamamos a atenção para os adeptos do Vitória de que a melhor resposta aqueles que não souberam conservar uma amizade que os vimezanenses tinham estimulado, é o incitamento permanente à equipa vimezanense e o esquecimento da atitude tomada pelos adeptos do nosso adversário.

Escola de Jogadores do Vitória

Iniciaram-se os trabalhos desta iniciativa que bem pode, no futuro, ser da maior utilidade para o Vitória. O número de inscrições atingiu as duas centenas e, presentemente, procede-se à escolha daqueles que manifestem possibilidades para vi-rem a representar o Clube.

FERNANDO VAZ

Publicamos hoje um artigo de autoria do novo treinador do Vitória que deste modo, amavelmente, uma vez mais presta a sua colaboração ao nosso Jornal.

O artigo em si é um repositório de boa doutrina, demonstrando si-



Fernando Vaz

multaneamente o conhecimento exacto que tem do meio vimezanense o orientador técnico do Vitória para a próxima época.

Os desportistas vimezanenses viram partir com saudades Fernando Vaz há uma época atrás, estabelecem deste modo novamente contacto com ele e com certeza não deixarão de reconhecer que o habilitado técnico continua ser aquele espírito vibrante, capaz de conduzir uma equipa permanentemente dentro daquele espírito de entusiasmo que possibilita os desejados triunfos.

EM VIZELA

Taça José Manuel Braga de Sousa Oliveira Retardado

Em disputa deste troféu e a contar para o Campeonato popular de futebol, efectuou-se no passado domingo, no Campo do Lima, mais uma jornada.

Os resultados e a actual classificação é como segue:

S. Comércio, 2-Marco F. C. 2; P. Velha, 2-Mocidade, 1; P. de Pau F. C., 9-A. do Adro, 0; Teixugueiras, 4-Ancide, 0.

Teixugueiras, 16 pontos; P. Velha F. C., 15 p.; P. Pau F. C., 13 p.; Marco F. C., 12 p.; Pereirinhas, 11 p.; Mocidade, 8 p.; Ancide, 6 p.; A. Adro, 5 p.; S. Comércio, 2.—C.

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Caixa de Crédito Popular Agência n.º 69 GUIMARAES

Avisam-se os mutuários que no dia 6 de Agosto próximo futuro, pelas 10 horas, se procederá na Filial da Caixa Geral de Depósitos, em Braga, ao leilão de penhores cujos contratos tenham o pagamento de juros em atraso mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 1 do referido mês. Repartição da Casa de Crédito Popular, em 7 de Junho de 1957.

O Chefe de Repartição, 308 a) Oliveira e Costa.

Notícias de Guimarães n.º 1331--30-6-1957



COMARCA DE GUIMARAES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que no próximo dia 6 de Julho, pelas 10 horas, e à rua Gravador Molarinho, se há-de proceder à arrematação em hasta pública dos móveis a seguir designados e pelo maior lance oferecido acima do indicado:

MOVEIS A PRACEAR:

Fourgonette marca Fordson E S 17-30; balancé manual em ferro, próprio para indústria de cutelarias; um malho de pilão próprio para a mesma indústria; uma máquina de escrever marca «Smith»; um cofre de ferro; uma secretária; um ficheiro; uma estante e duas cadeiras, que vão à primeira praça pelas quantias, respectivamente, de 10.000\$00, 6.000\$00, 5.000\$00, 3.500\$00, 500\$00, 500\$00, 500\$00, 300\$00 e 50\$00.

Estes móveis foram penhorados na execução de sentença requerida na acção sumária que o Banco Borges & Irmão S. A. R. L. com estabelecimento e sede à Rua Sá da Bandeira, n.º 27, da cidade do Porto, moveu contra a firma executada «Freitas & Companhia», com sede à Rua Gravador Molarinho, n.º 18, desta cidade e dos quais é depositário António José Paredes, casado, industrial, sócio da firma executada, residente nesta cidade.

Guimarães, 18 de Junho de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção,
Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei.

O Juiz de Direito do 1.º Juízo

Carlos Maria Afonso de Castro. 302

António de Almeida Paria Lima

ADVOGADO

Mudou o seu escritório para 269 a Rua de Camões, n.º 19.

Notícias de Guimarães n.º 1331--30-6-1957



COMARCA DE GUIMARAES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo 2.º Juízo de Direito desta comarca, 2.ª Secção e no processo de justificação de herdeiro requerido por FRANCISCO RIBEIRO DE FARIA, assistido e acompanhado por sua esposa D. Florentina de Freitas Sampaio de Faria, proprietário, do lugar Corundela, freguesia de São Torcato, desta comarca, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para nos vinte dias posteriores ao termo do prazo dos éditos, deduzirem, quando se julgarem com melhor direito ou com direito igual ao daquele requerente, a sua habilitação como herdeiros ou representantes da falecida D. ELVIRA RIBEIRO DE FARIA, solteira, maior, proprietária, moradora que foi no lugar da Corundela, freguesia de São Torcato, referidos.

Guimarães, 14 de Junho de 1957.

O Chefe de Secção, 301
António de Castro Pereira.

Verifiquei.

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,

Francisco Mendes Barata dos Santos. 298



"Imperial,"

A máquina de escrever preferida pelo Governo Português desde 1936

Um exclusivo de

T. Mendes Simões

Av. Conde de Marquês — Stand n.º 2
Telefone, 4227 GUIMARAES

Duplicadores — Máquinas de calcular e de somar — Acessórios — Reparações de máquinas de qualquer marca nas Oficinas da IMPERIAL. Orçamentos grátis. 304

Notícias de Guimarães n.º 1331--30-6-1957



COMARCA DE GUIMARAES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que no dia 13 de Julho próximo, por 11 horas, no lugar da Venda, freguesia de S. Jorge de Selho, desta comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, do prédio a seguir designado, pelo maior lance oferecido acima do valor indicado:

PRÉDIO

Prédio urbano de um andar, com as suas dependências e quintal, situados naquele lugar e freguesia, onde se encontra instalada a indústria de tecidos da firma Altino da Cunha Guimarães & Companhia, composto de dois corpos de edifício, com 10 divisões e com a superfície de 1.762 metros quadrados, dependências 21 e quintal 1.050 metros quadrados. Inscrito na matriz urbana sob o art.º 475 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 15.529, que vai à primeira praça pelo valor de 207.360\$00. Além deste prédio serão também vendidos em hasta pública nos mesmos dia, hora e local, os seguintes:

MÓVEIS

a) 94 teares, fabrico estrangeiro, estreitos e usados, uma caneleira de 50 fusos, de fabrico nacional, usada e o respectivo alvará de laboração, passado pela Direcção Geral dos Serviços Industriais de Lisboa, sob o n.º 3.472, o que tudo é posto à primeira praça, os teares por 2.556\$00 cada um, a caneleira por 30.000\$00 e o alvará por 50.000\$00.

Todos os bens acima indicados foram penhorados na execução fiscal administrativa que a fazenda Nacional move contra a executada Altino da Cunha Guimarães & Companhia, do lugar atrás referido, e ficou deles depositário Jorge Augusto Guimarães Folhadela Marques, solteiro, maior, gerente da mesma firma, e residente no lugar do Pinheirinho, da mesma freguesia.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos, para deduzirem os seus direitos na referida execução.

Guimarães, 17 de Junho de 1957.

O chefe da 2.ª secção,
Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito do 1.º Juízo, 285

Carlos Maria Afonso de Castro.

Maria Adelaide Machado de Oliveira Fernandes

Enfermeira, Parteira e Puericultura.

Partos e tratamentos

Rua Dr. Joaquim de Meira, 227 GUIMARAES 298

Ofertas e Procuraas

Vende-se Quinta do Eido, sítio na freguesia de Atães, terrenos regadios, com bons montados, com estrada até ao local. Tratar com Miguel Teixeira — Porta da Vila — Guimarães. 215

Oleo de Peixe: Sardinha e similares. VENDE aos melhores preços — Joaquim José de Araújo — Av. C. Ferreira de Matos, 80 — MATOSINHOS. 242

Vende-se Um carro marca Renault Juvaquatre M S 10-95, em bom estado. Falar na Garagem Auto-Liz (Paul). 289

Passa-se Loja na rua da Rainha, 77 e 79, com balcão e estantes. 251

ATENÇÃO

à Pichelaria com metais de ANTÓNIO CORREIA PINTO no Corredor da Misericórdia

Não confiem os vossos serviços sem consultarem esta acreditada oficina. Encarregam-se de concertos de aparelhos de sulfatar, montagem de canalizações em cosinhas e casas de banho, e de obras em ferro forjado e em metais. 206

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. {Est. 17
Comp. 21 404 PORTO

Venerável Ordem Terceira de São Francisco

Assembleia Geral Extraordinária

Convidam-se os Irmãos desta Venerável Ordem a reunirem-se em Assembleia Geral Extraordinária, na sala das sessões, às 11 horas, do dia 30 do corrente, a fim de deliberarem sobre o seguinte: REFORMA DO QUADRO DO PESSOAL.

Se no dia designado não comparecer número legal de Irmãos, realizar-se-á em segunda convocação no dia 7 de Julho, à mesma hora.

Guimarães e Secretaria da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, 24 de Junho de 1957.

O Ministro e Presidente da Assembleia Geral,

Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema. 305